

# JK, o médico da Força Pública Mineira

Flávio Antônio Silva Augusto <sup>a</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo analisar se Juscelino Kubistchek de Oliveira, mais conhecido por JK<sup>1</sup>, tornou-se militar e um grande estadista porque era médico. Menino pobre e órfão de pai, e com mãe professora na cidade de Diamantina, estudou em seminário. Autodidata e poliglota, prestou vestibular para o curso de Medicina, vindo a se formar em 1927 e a se especializar em cirurgia e clínica geral. Mais tarde foi para a França, onde também se especializou em urologia, sendo o patrono dessa especialidade no Brasil. Aprovado no concurso para telegrafista dos correios, durante o curso de medicina trabalhava à noite, e, durante o dia, assistia às aulas. A pesquisa é bibliográfica e utilizou tanto fontes secundárias quanto documentos transcritos. Sobressai do estudo que, como médico, JK foi incorporado à Força pública (atual Polícia Militar do Estado de Minas Gerais), trabalhou no Hospital Militar e no de campanha, denominado pelos combatentes como “Hospital de Sangue”, na cidade de Passa Quatro (setor do túnel), sul de Minas Gerais, por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932. Devido a suas ações no hospital, atuando como cirurgião de campanha, passou a ser muito respeitado, admirado e elogiado. Algumas pessoas que com ele serviram atingiram, anos depois, posições expressivas, o que favoreceu seu ingresso na política. Sua vida pública se deu nos cargos de prefeito de Belo Horizonte, deputado federal, governador do Estado, presidente do Brasil e senador da República pelo Estado de Goiás. No jantar de despedida do setor do túnel, foi batizado pelo coronel do Exército Brasileiro Cristóvão Barcelos de “o bisturi de Ouro da Força Pública Mineira”.

**Palavras-Chave:** Medicina militar; Revolução Constitucionalista (Túnel); Força Pública; Política.

## INTRODUÇÃO

Constitui tema desta pesquisa o seguinte: JK – O médico da

Força Pública Mineira. A abordagem do tema se limita à vida e às atuações médicas de JK, que lhe proporcionaram especializar-se

---

<sup>a</sup> Coronel PM da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



em Urologia na França, com o Dr. Chevassu, servir como médico<sup>2</sup> da Força Pública de Minas, assim como no *front* da Mantiqueira durante a Revolução Constitucionalista de 1932. JK ingressou na política após ter sido eleito Deputado Federal Constituinte em 1934. A pergunta norteadora foi: “A condição de médico constituiu o passaporte de JK para se tornar militar e um grande estadista mineiro e brasileiro?”

O Objetivo geral é pesquisar e demonstrar se a condição de médico facilitou, ou mesmo abriu, os caminhos de JK para se tornar militar e um grande estadista mineiro e brasileiro. São objetivos específicos: a) verificar se Juscelino Kubitschek era um médico excepcional; b) analisar o período em que serviu na Força Pública de Minas e sua ascensão a cargos públicos; c) compulsar como as suas intervenções como médico influenciaram o seu ingresso na vida pública e contribuíram para a sua popularidade junto às pessoas de todos os ciclos sociais; d) pesquisar se suas

ações ao ocupar cargos públicos o credenciaram para ser considerado um grande estadista brasileiro.

Justifica-se este estudo na própria figura histórica ímpar do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira como médico e político, sua visão humana, solidária e inovadora, sempre buscando modernização e melhorias para a sociedade. Trata-se de uma pesquisa do tipo metodológica, que adotou como técnica a documentação indireta por meio de pesquisa bibliográfica, com transcrição e cópia de documentos originais, sendo também baseada em fontes primárias e secundárias. Além disso, foram ouvidas pessoas que conviveram com JK, aliando-se os relatos às fontes bibliográficas existentes.

## **DESENVOLVIMENTO**

Esta seção tem por objetivo mostrar a vida de JK, sua infância, o período em que cursou medicina, os fatos relacionados ao seu cotidiano profissional e



pessoal que colimaram para o seu ingresso na política, suas gestões e seu falecimento.

#### a) A Família, infância, trabalho e ingresso no curso de medicina

No dia 12 de setembro de 1902, nascia Juscelino na histórica cidade de Diamantina, em Minas Gerais, em um sobrado<sup>3</sup> de propriedade de sua avó localizado na rua Direita, quase em frente à catedral. Uma cidade calma com expressiva arquitetura colonial. Filho de João César de Oliveira e de Júlia Kubitschek, aos três anos de idade ficou órfão de pai, o qual faleceu em virtude de tuberculose.

Sua mãe, Julia Kubitscheck<sup>4</sup>, professora rural formada pela Escola Normal de Diamantina, trabalhava no distrito de Palha, distante uma légua e meia (9,5 km) de Diamantina, percurso que fazia todos os dias a pé pela estrada de terra. Viveu muitos anos na pobreza com os dois filhos, sacrificando-se a ponto de reduzir a própria alimentação para que não faltasse nada para eles. Começou a

trabalhar bem jovem, com a responsabilidade de criar e educar os dois filhos, Juscelino (Nonô) e Maria da Conceição (Naná). A única fortuna era a jabuticaba do pé do fundo do quintal, que florescia uma vez por ano.

Segundo Heliodoro<sup>5</sup>, Dona Júlia “tomava apenas uma xícara de café com leite às refeições, justificando que fazia dieta, pois o estômago cheio pesava para as aulas. Tudo para que não faltasse o alimento e para que sobrasse numerário para pagar a escola dos filhos”. Descrita assim, como escrava dos parentes próximos dela, era considerada orgulhosa, pois não gostava e não queria dar trabalho a ninguém. Sua primeira preocupação era com a educação dos filhos, foi mãe e pai ao mesmo tempo, por isso continha seus sentimentos, não demonstrando romantismo e sentimentalismo exagerados. Chegou a trabalhar dezesseis horas por dia. Lecionava, substituía professoras e ministrava aulas particulares, tudo para completar o salário, sem contar os serviços domésticos.



Em 1914, por ocasião da visita do Presidente do Estado de Minas Gerais a Diamantina, João Pinheiro firmou um decreto criando uma escola na cidade, oportunidade em que nomeou D. Júlia como professora do educandário, e D. Marianinha, mãe do futuro general do Exército Brasileiro Olímpio Mourão Filho<sup>6</sup>, como diretora. Passou assim a ser funcionária do estado, ganhando mais, mas ainda pouco.

Ainda para melhor caracterizar D. Júlia e o modo como Juscelino ajudava a minimizar as dificuldades em que viviam. Santos<sup>7</sup>, assim a descreveu:

D. Júlia criou seus filhos como as velhas mães mineiras: trabalho, respeito a Deus e vontade de contribuir sempre, servindo, de qualquer forma, ao seu semelhante. – Estes princípios nortearam a vida de JK. – Desde muito cedo, aos 8 anos de idade, já começava a trabalhar para ajudar a mãe em casa. Procurava fazer um trabalho que não servisse somente a ele. – Com o lema ‘certo ligeiro’, fazia entrega de encomendas aos fregueses

das casas comerciais de Diamantina, servindo a si próprio, a sua mãe, ao comerciante e ao freguês. – Os magros tostões arrecadados à custa desse trabalho eram levados para casa e entregues à D. Júlia.

O pai, João César de Oliveira, de Medanha, espírito alegre, expansivo, era rei da noite e das serenatas, bom dançarino e violinista. Ganhava a vida como caixeiro viajante e gostava de ajudar as pessoas. Contraiu uma gripe forte, que se transformou em pneumonia e depois em tuberculose, vindo a falecer em 1905.

O sobrenome estrangeiro no Brasil originou-se, conforme Kubitschek<sup>8</sup>:

Meu Bisavó materno – Jan Nepomusky Kubitschek, depois abrasileirado para João Nepomuceno Kubitschek – era tchecoslovaco de nascimento. Veio da Boêmia quando já findava aqui o primeiro reinado, estabelecendo-se como marceneiro, inicialmente no Serro, em seguida em Diamantina, onde passou o resto da vida. Era um simples



imigrante, que resolvera deixar para trás e bem longe a sua terra flagelada por tantos anos de guerras sucessivas.

Herdou do pai o espírito alegre, o gosto de servir ao próximo, a alegria e o caráter expansivo. Já da mãe, a coragem, determinação, energia, sentimento do dever e as reservas típicas da raça eslava. Portanto, sua personalidade tinha características de oposição.

A primeira letra aprendeu com a mãe, e sua formação cristã foi em casa, na escola e na igreja, onde também foi coroinha – Igreja Nossa Senhora da Luz. Os deveres escolares nunca podiam ser negligenciados, e JK só podia ir brincar depois de tê-los efetuado. Sua mãe dizia que “tarefa iniciada deve ser tarefa concluída”<sup>9</sup>. Um hábito que marcou toda a sua vida foi de acordar cedo, pois às vezes tinha que acompanhar a mãe à escola da Palha, onde ela trabalhava. Segundo Heliodoro<sup>10</sup>, “É por isso que seus dias eram grandes e havia sem-

pre tempo para alguma tarefa nova”.

A admiração e veneração de JK pela medicina começou quando, ainda criança em Diamantina, machucou o dedo mínimo do pé direito, ficando impossibilitado de fazer longos percursos, devido ao incômodo gerado pela pressão do sapato. Atendido pelo Dr. José Eulálio de Souza, ali se iniciou a admiração pelo discípulo de Hipócrates<sup>11</sup>, conforme menciona Santos<sup>12</sup>.

Em sua biografia, Kubitschek<sup>13</sup> narra o seguinte acerca do acidente:

Tinha ido brincar em casa do meu primo João Kubitschek, quando de repente, nem soube como, luxei o pé direito, prendendo-o sob o armário. O pé doía muito e o Dr. José Eulálio, amigo da família e que havia tratado do pai, foi chamado às pressas. Examinou a luxação com todo o cuidado e prescreveu tratamento próprio. Verificou-se uma luxação na articulação do quinto metatarso-dedo mínimo- e a redução incompleta condenou-me a nunca mais pode fa-



zer longas caminhadas e também a não suportar, por muito tempo, a pressão do sapato no pé direito.

O Dr. José Eulálio de Souza cuidou também do pai de JK, visitando-o diariamente durante a enfermidade – um período de oito meses – e nunca cobrou nada pelos serviços. Fez o mesmo quando do acidente que luxou o pé direito de Juscelino. D. Júlia, além de considerá-lo muito, ensinava aos filhos Nonô e Naná: “Vocês devem demonstrar ao Dr. Eulálio o máximo respeito. Não exerce a Medicina para ganhar dinheiro, mas para aliviar o sofrimento alheio”<sup>14</sup>.

Coincidência ou não, a partir daí JK passou a refletir acerca missão do médico e sobre o seu apostolado. Anos mais tarde, já como médico formado e no pleno exercício da profissão, sempre prescrevia aos pobres receitas para comprar medicamentos. Nos chamados, atendia a todos e, se fosse o caso de internação, intercedia para arrumar vaga no

leito, evitando, assim, que fosse negada a recomendação médica.

Com isso, passou a ser muito estimado pela gente boa e humilde dos subúrbios, e quando se candidatou a diversos cargos políticos, a maioria dos seus votos veio justamente das áreas em que havia atendido enfermos, sendo ou não segurados, quando era médico da Beneficência da Imprensa Oficial. Sobre essas visitas, Kubitschek<sup>15</sup> (1974, p.148) assim narrou a sua sensação após os atendimentos:

[...] ao regressar de tais visitas, sentia-me reconfortado espiritualmente. Era como se estivesse saldando dívidas antigas, cujos pagamentos vinham sendo protelados desde minha infância em Diamantina. E o resultado é que me tornei estimado pela gente boa e humilde dos subúrbios. Era uma vantagem que eu não tinha procurado. Mais tarde, disputando eleições, como político, o grosso de minha votação era obtido justamente nas áreas que eu havia frequentado como médico da Imprensa Oficial.



Após terminar o curso primário, o único ginásio de Diamantina encerrou suas atividades, justo no momento em que se preparava para cursar o curso de humanidades. As famílias que tinham condições financeiras enviavam seus filhos para a cidade de Belo Horizonte a outra localidade para que pudessem estudar. Embora não tivesse vocação, a única escola em conformidade com as condições financeiras da família era o Seminário Diocesano de Diamantina, sob a orientação dos padres Lazaristas, a maioria de nacionalidade francesa.

Os alunos que queriam seguir o sacerdócio estudavam de graça, já os que não o declaravam na entrevista com o secretário pagavam uma mensalidade. JK respondeu com sinceridade, que não queria ser padre, e sim doutor. Os pais tinham que pagar pela escola o valor de 40 mil réis por mês, sendo que sua mãe ganhava 150 mil réis. Naná, sua irmã, estava estudando no Colé-

gio Nossa Senhora das Dores, equiparado à Escola Normal, e seria professora. Dois filhos estudando iria pesar muito nas finanças.

Mesmo assim, Nonô ingressou no seminário em 1914, saindo de lá quando tinha quinze anos. Há de se ressaltar que o educandário religioso não conferia nenhum diploma ou certificado reconhecido. O discente se ordenava padre ou não seria coisa alguma. Mesmo assim, JK levou a sério os ensinamentos adquiridos, como ser silencioso e não desperdiçar um minuto que fosse. Levantava às cinco horas da manhã, deitava-se às oito da noite e passava o dia com livros, adquirindo boa base humanística e disciplinando as leituras, o que culminou com o firme propósito de estudar Medicina.

Ao terminar os estudos no seminário, retornou para sua casa, pois os alunos ficavam internos, e os pais os visitavam somente aos domingos, no horário de cinco às seis horas da tarde. Tinha, na época, quinze anos,



e os exames preparatórios deveriam ser realizados na cidade Belo Horizonte ou em Barbacena. Tentou trabalhar para ajudar a mãe, mas não conseguiu emprego, mesmo não escolhendo tarefas e nem discutindo ordenado. Daí resolveu estudar as matérias oficiais do currículo dentro do seu quarto, em uma mesa de caixote, das seis da manhã às dez horas da noite. Lia livros de todas as obras da Biblioteca da União Operária de Diamantina. Estudou inglês com um ex-professor do seminário, e francês com uma professora particular.

Silva e Carneiro<sup>16</sup> retratam assim o período posterior à saída de JK do seminário:

Depois do curso primário feito no colégio onde lecionava sua mãe, ingressou no seminário de Diamantina, sob a orientação de padres Lazaristas, sendo muitos deles franceses. Ali ficou até aos 15 anos fazendo os estudos que era possível fazer. Os que faltavam, só em outra cidade. Teria que aguardar três anos para poder fazer os exames

preparatórios e entrar para a faculdade de Medicina. Enquanto isso, aproveitava o tempo lendo e estudando tudo que lhe caísse às mãos. Tratou de aperfeiçoar seu conhecimento de línguas estrangeiras: Inglês, com o padre Jardim, seu antigo professor no seminário; e francês com uma senhora francesa, viúva de um funcionário da Companhia Franco-Brasileira de Mineração.

Com fim da 1ª Guerra Mundial, surgiu a gripe espanhola<sup>17</sup>, uma epidemia que esvaziou os colégios. Um projeto apresentado no Senado instituiu, na emergência, os exames por decreto. Bastava o aluno requerer o certificado e poderia obter quatro exames de uma vez. Dessa forma, aqueles impedidos ou incapacitados pela gripe poderiam concluir os estudos. De imediato, Nonô requereu os exames de Português, Latim, Aritmética e Álgebra, restando oito apenas para concluir a totalidade dos exames preparatórios. Requereu em Belo Horizonte e Barbacena os exames parcelados, sem os





quais seria impossível cursar e obter uma graduação universitária.

No posto de telégrafos de Diamantina, durante sua adolescência, aprendeu a operar o Código Morse<sup>18</sup>, quando não raras vezes era solicitado a suprir a vaga de algum funcionário, ganhando cinco tostões por hora de trabalho. No ano de 1919, a Agência Central de Belo Horizonte abriu concurso para telegrafista. Nonô se inscreveu para uma das 25 vagas, sendo aprovado em 19º lugar, entre 89 candidatas.

Seis meses depois das provas, o resultado foi divulgado e houve uma surpresa: teria que realizar um estágio sem remuneração para aprender operar o Código Morse, mesmo tendo explicado que já o conhecia. O máximo que conseguiu foi fazer o estágio na sua terra natal. Em dezembro, estudando sozinho, realizou em Belo Horizonte as provas de Geografia, História do Brasil, História Universal e Geometria. Foi aprovado em todas as matérias, exceto em Geometria, o

que o impedia de obter o certificado.

Nesse interregno, foi morar em Belo Horizonte, continuando o estágio como praticante do Código Morse, sem receber. Em 19 de maio de 1921, foi nomeado telegrafista-auxiliar da Agência Central de Belo Horizonte, portanto, servidor dos correios, o que reduziu suas dificuldades financeiras. Naquela época, frequentava um curso particular para se preparar para a última bateria de provas, e chegou a negociar o pagamento da mensalidade para quando fosse nomeado. Na oportunidade, foi colega de Carlos Drummond de Andrade<sup>19</sup>. Em dezembro de 1921, completou os exames preparatórios no Ginásio em Barbacena, e um mês depois prestou vestibular e ingressou na Faculdade de Medicina, matriculando-se no primeiro ano.

#### b) Curso de Medicina, formatura, especialização em Paris

Quando JK esteve pela primeira vez em Belo Horizonte, D.



Júlia vendeu um colar herdado da mãe para custear-lhe a viagem de 2º classe no trem, além de ter lhe dado um embrulho contendo frango com farofa. Em outra vez, pegou empréstimo com o dono da fábrica Gouveia. E quando Nonô estava em Belo Horizonte trabalhando sem remuneração, sua mãe lhe enviava mensalmente a quantia de 60 mil réis para as despesas. Nas demais necessidades, JK penhorava uma abotoadura do pai, buscando, quando conseguia, o erário para recuperá-la.

Matriculado na faculdade de Medicina em janeiro de 1922, concluiu o curso em dezembro de 1927. A faculdade de Medicina foi o início do seu sonho de ser médico, porém as dificuldades e os apertos não diminuíram. Dormia diariamente das 19 às 23h30, trabalhava de meia-noite às 8 horas da manhã como telegrafista, saía da agência e ia direto para escola. As aulas se iniciavam às 8 horas da manhã e terminavam às 16 ou 17 horas, dependendo do dia, com intervalo

de uma hora para o almoço. JK passava as madrugadas manipulando os aparelhos, enviando mensagens no Código Morse para todo o Brasil. Sua vida era um contraste da vida dos colegas, pois enquanto eles se divertiam e dormiam, ele estava trabalhando.

Acerca dessas dificuldades, Araújo relata:

Saía do serviço direto para escola, sempre chegando antes dos colegas de turma. Sempre alegre, risonho e bem disposto, deixando todos implicados com sua capacidade de atenção, nas aulas práticas e teóricas, quando todos sabiam que ele passava a noite na transmissão de mensagens telegráficas, um dos principais meios de comunicação de Belo Horizonte com o resto do País<sup>20</sup>.

Foram seis anos de lutas, pois tinha que se desdobrar entre os deveres acadêmicos e profissionais. Mesmo assim, durante o curso foi um discente aplicado e dedicado e se saía bem em todas as disciplinas. O salário que recebia da repartição de telégra-



fos era de 6 mil réis, e dava para pagar a pensão, comprar livros considerados essenciais e as taxas universitárias que tinham valor alto, embora fossem anuais. Os livros mais caros eram emprestados, consultados ou mesmo importados da França; além de demorarem a chegar, tinham o custo alto, por isso eram adquiridos em sociedade com outros colegas, com os quais JK estudava e debatia as matérias, após as aulas.

Vivia e alimentava-se mal, dormia pouco, estudava e trabalhava em excesso. Do quarto para o quinto ano do curso, procurou o Dr. Alfredo Balena, haja vista que estava emagrecendo rapidamente e temia estar com tuberculose. Depois de alguns exames, afastada a hipótese dessa doença, o médico o licenciou de suas atividades para que ele recuperasse o antigo peso. Imediatamente JK foi para Diamantina, ficando com sua mãe e irmã, e, depois de se recuperar, retornou às atividades escolares e profissionais.

Durante o curso, quando foi morar na pensão do Sr. Miguel e D. Etelvina, situada na Av. Carandaí, esquina com Rua Paraíba, JK conheceu Júlio Soares<sup>21</sup>, na época discente também do mesmo curso, mas de turmas à frente. Mais tarde Júlio Soares casou-se com a irmã de JK e se tornou o seu maior amigo e confidente. Após se formar, destacou-se como cirurgião, vindo a assumir a terceira enfermaria clínica de cirurgia da Santa Casa de Misericórdia de BH e a diretoria clínica.

No último ano do curso, JK novamente ficou doente e fraco devido à má alimentação. Júlio foi visitá-lo e o levou coercitivamente para morar na sua casa, num porão com entrada independente, um conforto que nunca teve. Júlio Soares, ao observar o desempenho de Juscelino no quinto ano, convidou-o para trabalhar na 3ª enfermaria, como interno-residente.

Desde de 1914, a Santa Casa de Misericórdia mantinha um convênio com a faculdade de Medicina, para a formação dos



acadêmicos e funcionamento das clínicas. As funções eram de inspecionar as salas de cirurgias antes das intervenções operatórias, preparar os doentes para a cirurgia, servir como instrumentador, encarregado de entregar os bisturis ao cirurgião, as pinças hemostáticas, tesouras, fios cirúrgicos etc. Sempre observado pelo cunhado, em pouco tempo JK passou a auxiliá-lo diretamente, realizando pequenas intervenções cirúrgicas.

Kubitschek, acerca da oportunidade oferecida pelo cunhado, registrou o seguinte:

Observando o interesse profissional, pois procurava sempre debater com ele os fatos e incidentes ocorridos na sala de cirurgia, Júlio Soares achou que era chegado o momento de ampliar o meu campo de ação. Deu-me atribuições de verdadeiro auxiliar seu. Passei a fazer pequenas operações. E realizava-as com absoluta confiança. Por isto aquela opinião de que eu “tinha jeito para a cirurgia”<sup>22</sup>.

No dia 17 de dezembro de 1927, em cerimônia realizada no salão nobre da Faculdade de Direito, ao lado de outros 19 colegas, JK colou grau. A décima primeira turma da Faculdade de Medicina teve como orador Odilon Behrens, e como paraninfo, o Dr. Mello Teixeira. Sobre JK durante o curso de Medicina, Pedro Nava, conforme Santos<sup>23</sup>, observa: “afirma-se impressionado com a vitalidade do colega estudante, capaz de trabalhar a noite inteira e assistir às aulas, inclusive práticas”. No discurso do Paraninfo, Dr. Mello Teixeira, consoante Araújo<sup>24</sup> destaca-se importante trecho, que com certeza influenciou ou muito contribuiu para a postura do jovem médico Kubitschek:

O exercício da clínica exige aptidões particulares, que, só a prática diuturna, a meditação dos livros e a observação inteligente e sagaz poderão criar. Não vejais na Medicina uma profissão como as mais. Sob esse aspecto encarado, cedo estaríeis desiludidos e talvez arrependidos do vosso



esforço enorme. Como tal, são parcas as compensações morais que possa oferecer. Encarai-a antes como um sacerdócio, não no sentido retórico ou enfático que se lhe costuma dar. É que ela ainda se não desvestiu do seu caráter ancestral de ter sido privilegio e arte de sacerdotes. Prodigalizadora inesgotável de conforto e de compensações para os em que ela se aplicam, por isso mesmo, talvez, é tão avara de consolação para os que a exercem. Só sereis verdadeiramente felizes se vos forrardes de uma sã filosofia, daquela filosofia que só o conhecimento do complexo humano pode infundir, aos que como os médicos, sondaram os arcanos da biologia. Encarai sempre medicamente a natureza humana, em todas as suas manifestações, e só assim vos forrareis do travo amargo da decepção.

No duelo desigual com a morte só o epílogo vale para julgamento. Nas fases da luta, a maestria, com que vos houverdes nela quem não a compreenderá? Só a vossa consciência profissional, dando-vos a sensação do dever cumprindo com acerto, vos conferirá a superioridade moral com que vencer o desfavor

das aparências. Ponde nesse aplauso da consciência todo o vosso estímulo e prêmio nobre. Na prática profissional ter a noção precisa das possibilidades, variáveis em cada caso concreto. Agir certo, oportuno e proporcionado. A ação prudente colhe mais vantagens do que a audácia mais bem intencionada. Não esperar da “arte” mais do que ela pode dar, nem pedir mais do que ela promete. Mas, colegas meus, não vos desejo somente excelentes e acatados profissionais. O vosso apego à carreira, o vosso zelo apostolar junto aos enfermos não vos deve conduzir pelo egoísmo da profissão a abstrair-vos da coletividade em cujo seio viveis.

Para melhor resumir o perfil do discente JK durante o curso de Medicina, assim o descreveu Araújo:

Todo o curso médico de Juscelino foi passado com “aper-tos” financeiros e muito sacrifício, tendo em vista o tempo que lhe tomava o emprego na Repartição de Telégrafos. Essa luta durou todo o seu curso médico, tendo conhecido



pouco as comuns diversões de estudantes, como as choppadas, os bailes, caseiros e, como era muito comum, as festas nos Grupos Escolares. O trabalho noturno, as constantes aperturas financeiras e a necessidade de estudar, fazia com que raramente comparecesse às diversões dos sábados, frequentes entre os estudantes. Mesmo sabendo que os poucos mil réis gastos lhe desorganizariam o orçamento, sempre foi um estudante alegre e um famoso “pé de valsa”, quando comparecia a essas festinhas<sup>25</sup>.

À formatura, compareceu uma jovem, que mais tarde veio a ser sua esposa. Tratava-se de Sarah Gomes de Lemos<sup>26</sup>, filha de Luísa Negrão e de Jaime Gomes de Lemos, antigo parlamentar mineiro na Câmara dos Deputados. Conheceram-se numa festa beneficente na Escola Barão do Rio Branco. Kubitschek<sup>27</sup> a definiu como “esbelta, graciosa e discreta”. Mesmo ela pertencendo a uma família importante, não se incomodou em face de sua origem humilde. Para Santos<sup>28</sup>,

Sarah era “conservadora, não gostava de política, embora apoiasse o marido ao máximo”.

Após a formatura, JK abandonou a profissão de telegrafista, tornou-se assistente do Dr. Júlio Soares e passou a executar a função de que mais gostava: operar. O hospital da Santa Casa de Misericórdia era uma referência para ele, pois, além de ser o único hospital público e filantrópico de Belo Horizonte, ali trabalhavam as maiores expressões da medicina da época, sendo um verdadeiro hospital-escola de Minas Gerais<sup>29</sup>. Foi também nomeado, em 1928, professor assistente de clínica cirúrgica e física médica da recém-criada Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais<sup>30</sup>.

De acordo com Santos<sup>31</sup>, a Sociedade Brasileira de Urologia foi criada em 13 de maio de 1926, e reuniu vários cirurgiões interessados no aparelho digestivo. No ano anterior à formatura de JK, foram criadas comissões de Cirurgias do homem, da mulher, venerologia, bioquímica,



fisioterapia e radiologia, na Santa Casa. Lembrando que nesta época a Urologia era um ramo da medicina das então chamadas doenças venéreas.

Na Santa Casa, além de assistir o Dr. Júlio na 3ª enfermaria clínica de cirurgia, Juscelino aceitou também ser sócio no consultório particular do cunhado, localizado no edifício Parc Royal, na Rua da Bahia. A 3ª enfermaria era, conforme o próprio Kubistchek<sup>32</sup> descreveu, uma escola com pacientes na maioria humildes, que não tinham as condições de internamento, além de apresentarem quadro clínico desesperador quando ali chegavam.

Mesmo assim, a marca de sua personalidade era a dedicação aos seus pacientes, independentemente da condição econômica<sup>33</sup>. Nos atendimentos, ignorava as canseiras, enfrentava as deficiências com espírito esportivo. Obtinha índices altos de cirurgias semanais. Aprendeu a fazer todas as internações comuns, como herniorrafias, laparotomias, apendicectomias etc.

Considerava a remuneração para o médico uma coisa secundária, sempre atendia o rico ou pobre do mesmo jeito. Por isso foi chamado de “médico dos pobres”, o que lhe proporcionou vários afilhados em Belo Horizonte.

A primeira operação realizada na Santa Casa após a sua formatura foi a amputação de uma perna gangrenada, procedimento acompanhado pelo Dr. Júlio. O paciente sobreviveu e se recuperou. Outra situação foi o atendimento a um paciente com tuberculose renal e necessidade de extirpação do rim. A artéria ficou pinçada, pois não oferecia extensão, demandando uma assistência pós-operatória específica. Tratava-se de uma pessoa humilde e sem recursos; se fosse nos dias de hoje, teria que ir para o CTI, mas na época não existia esse recurso. Na enfermaria geral, o paciente não teria os cuidados devidos, corria o risco de hemorragia. Por isso, JK o transferiu para um apartamento (quarto-particular), arcando com o pagamento da conta e ficando



ao seu lado na noite de Natal e mais quatro dias seguintes.

Araújo<sup>34</sup> relata que JK afirmava que “Situações como esta sempre acontecem e requerem do médico uma compreensão e um espírito de solidariedade, que raramente podem ser encontrados em outras profissões”. Com relação à remuneração e dedicação à Medicina, Kubitschek dizia:

[...] a recompensa era imaterial, psicológica, isto é, a satisfação da batalha ganha, a consciência de haver recuperado uma vida, arrebatando-a no momento extremo, do irremediável abraço da morte.

[...] quando mais me dedico a medicina, mais ela me apaixona. É que ela, diferente das outras profissões, não se enquadra na rotina. Os inimigos são o sofrimento e a morte, seu campo é, pois, ilimitado, cheio de imprevistos. Devemos considerar o imponderável e cada caso pode ser uma nova experiência ou um enigma a ser decifrado.

É claro que me esforçava para aumentar minha clientela. Mas nunca olvidei que estava em face de um verdadeiro sacerdote. Mesmo sendo essa

expressão banalizada pelo tempo, ela nunca deixou de refletir uma realidade para mim. Eu era moço. Cheio de entusiasmo. Daí a razão por que não me era difícil ser fiel às exigências de Hipócrates<sup>35</sup>.

Buscando sempre o aprimoramento técnico-científico, JK tomava conhecimento das novidades dos grandes centros científicos, por meio de amigos de profissão que viajavam para o exterior. Naquela época, a cidade de Paris atraía as atenções do mundo, pois já haviam se passado anos do final da Primeira Guerra Mundial, e a França saía vencedora. Os profissionais franceses estavam superando os alemães, que até então eram os melhores no “tratamento das moléstias urinárias”. Paris era considerada o grande centro do mundo nessa área.

Diante das informações, JK optou por especializar-se em Urologia<sup>36</sup> em Paris<sup>37</sup>, haja vista que Berlim<sup>38</sup>, antes considerada a Meca desses tratamentos, estava sendo superada. O curso era o





passaporte para qualquer cirurgia alcançar o sucesso profissional. Matriculou-se no curso do Professor Maurice Chevassu<sup>39</sup> – famoso cirurgião francês e professor da Escola de Medicina de Paris – no hospital Cochin. Esse profissional havia estabelecido o valor funcional de cada rim por um índice numérico, obtendo a imagem radiográfica do órgão e de sua via excretora<sup>40</sup>.

A inovação chamava a atenção de todos os profissionais do mundo. Em abril de 1930, JK viajou para a Europa após se inscrever para frequentar o curso. Toda a família foi contra, exceto Naná. O curso se prolongou por três meses, em horário integral, oito horas diárias. Das oito horas até às doze, as aulas eram de anatomia; das doze às quatorze horas, havia um intervalo para o almoço. As aulas eram retomadas às quatorze horas e iam até às dezoito horas, com conteúdo de técnica cirúrgica, na escola de Medicina. A turma era composta por dezoito médicos, sendo brasileiros apenas JK e o Dr. Aderbal

Figueiredo, do Rio Grande do Norte.

O professor Chavessu era muito exigente, e as instruções versavam sobre as técnicas mais modernas de tratamento das moléstias do aparelho urinário. Conforme Araújo<sup>41</sup>, “após cada aula, o docente organizava um debate sobre as técnicas cirúrgicas apresentadas e cada um dava a sua opinião”. Kubitschek<sup>42</sup> acrescenta que “era um prazer assistir àquelas discussões, dada a humildade com que o ilustre cientista ouvia e esclarecia as dúvidas dos alunos”. Ao final do curso, os médicos estagiários prestavam um exame final, prático e teórico, exigido para se obter o certificado. JK, com excelentes notas nas duas avaliações, tornou-se urologista<sup>43</sup>.

Araújo<sup>44</sup> afirma que o professor Chevassu declarou que JK trouxe para o Brasil “um diploma muito merecido”, o que atesta sua dedicação ao curso. Durante os momentos livres, estudava anatomia na Faculdade de Paris e acompanhava as intervenções de



urgência no pronto-socorro no Hotel Dieu. Lia história e literatura, além de aperfeiçoar o francês na Aliança Francesa. Frequentou o Louvre e o Café du Brésil, conhecendo, na oportunidade, Candido Portinari e Niemeyer. Estagiou também no hospital Charité, em Berlim, antes de voltar ao Brasil, o que ocorreu em novembro, motivado pela eclosão da Revolução de 1930.

Retornando ao Brasil, voltou às suas atividades no hospital da Santa Casa. Passou a chefiar a primeira enfermaria, dedicada à urologia, mas que atendia também à enfermaria feminina, e realizava cirurgias, deixando de ser assistente de Júlio Soares. Seu notório prestígio pode ser medido por sua dedicação e cultura, suas diligências e pela sua biblioteca médica particular. Possuía obras de todas as especialidades médicas, as melhores da época. Casou-se com D. Sarah em 30 de dezembro de 1931, na Igreja da Paz, em Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro.

A competência, dedicação, bem como o esmero e carinho no exercício da medicina não passaram despercebidos, mesmo depois do seu falecimento. Segundo Santos<sup>45</sup>, no discurso de posse do presidente da Sociedade Brasileira de Urologia, Walter José Koff estabeleceu nas suas metas proclamar JK como seu patrono: “justo e meritório reconhecimento a um digno urologista e honrável cidadão”. O Presidente Michel Temer, no ano de 2017, publicou a lei nº 13.564, de 21 de dezembro, designando o ex-presidente JK patrono da especialidade no Brasil.

#### c) Designação para Força Pública Mineira<sup>46</sup> e a participação na Revolução de 1932

Força Pública era a designação da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais (PMMG) no início da República Brasileira, final do século XIX, e depois nas décadas de 1910 a 1940 do século XX. Após a Revolução de 1930, que levou ao poder Getúlio Vargas<sup>47</sup>, Gustavo Capanema<sup>48</sup>, ao assumir



a Secretaria de Interior, procurou retribuir à Força Pública (PMMG) a lealdade e bravura para com o Presidente do Estado, assim como as vitórias no campo de batalha. Embora estivessem com inferioridade de armas, as tropas da Força Pública Mineira conseguiram êxito no cerco vitorioso empreendido ao 12º Regimento de Infantaria (RI)<sup>49</sup> na cidade de Belo Horizonte, assim como em outras frentes. Ressalta-se que na época o Comandante-Geral da Força Pública era o Secretário do Interior Gustavo Capanema, que ficou no cargo de 26 de novembro de 1930 a 5 de setembro de 1933<sup>50</sup>.

Durante a revolução, Gustavo Capanema, acompanhando ao hospital da Força Pública o então Presidente do Estado, Olegário Dias Maciel<sup>51</sup>, ficou perplexo ao constatar as condições precárias oferecidas aos militares. Ao assumir a Secretaria do Interior, acumulando o cargo de Comandante-Geral, otimizou medidas administrativas para melhorar o nosocômio. Kubitschek<sup>52</sup> afirma

que, por meio de suas medidas, Capanema “transformou o velho e inadequado HM<sup>53</sup> num moderno e eficiente centro médico, com dotações orçamentárias próprias, de modo a manter instalações modelares e poderem seus diferentes serviços ser dirigidos por especialistas de renome”.

Capanema também recrutou profissionais consagrados e os designou através de um decreto-lei. Durante o processo de recrutamento, D. Luísa, mãe de Sarah, solicitou a Gabriel Passos, seu outro genro, Secretário particular do então Presidente Olegário Maciel, que incluísse JK entre os nomes a serem designados, o que foi feito. Então JK foi nomeado médico da Força Pública Mineira pelo decreto-lei<sup>54</sup> do Presidente do Estado de Minas Olegário Maciel, publicado no Diário Oficial de Minas Gerais de 18 de março de 1931. Inicialmente foi designado para o Corpo Escola<sup>55</sup>, depois foi transferido para o Hospital Militar (HM).

A equipe médica nomeada, segundo Kubitschek, foi a seguin-



te, que também incluiu outros nomes:

Como Chefes de Serviço, o Professor Otaviano de Almeida na Cirurgia-Geral; Brás Pellegrino, na Clínica Médica Santa Cecília, na oftalmologia e José Ferola (que eu encontrara fazendo um curso na Alemanha, na Radiologia). Foi também nomeado, ficando a meu cargo organizar o serviço de Laboratório e Pesquisas, como os que havia observado na Europa. Fiz o que me foi determinado e, quando aquele departamento já estava pronto, passei a chefiar o Serviço de Urologia em conformidade com o regulamento, no posto de capitão-Médico<sup>56</sup>.

Ao se apresentar no HM, na época localizado na Rua Manaus, bairro de Santa Efigênia, montou e inaugurou o Laboratório de Análises Clínicas, com apoio de Gustavo Capanema. O laboratório foi idealizado e montado com o que tinha de melhor e mais moderno em termos de recursos, consoante os hospitais europeus que JK visitou. Outro encargo que recebeu foi a chefia do serviço de

urologia, lembrando que nesta época, o hospital só atendia aos militares. Somente com a construção do Prédio da Av. do Contorno foi que se passou a atender os familiares dos militares mineiros.

JK chegava ao Hospital Militar às sete horas da manhã, ou até antes um pouco, cumpria suas obrigações e depois se deslocava para o Hospital da Santa Casa ou o São Lucas, onde os pacientes o esperavam, tanto na enfermaria quanto no ambulatório. Somente depois de atender a todos é que se deslocava para o seu consultório particular. O Hospital da Santa Casa funcionava somente no prédio da Rua Álvares Maciel, no bairro de Santa Efigênia, pois não havia ainda a atual unidade, localizada na Av. Francisco Sales, no mesmo complexo, em frente ao Hospital São Lucas.

Para melhor se entender o momento, Santos relata o seguinte:



Na Santa Casa, o seu prestígio era cada vez maior: logo após seu retorno da Europa, numa modificação realizada nas clínicas, passou a ser o diretor (ou chefe) da primeira enfermaria dedicada unicamente à Urologia, deixando, então, de ser assistente do Doutor Júlio Soares, mas continuando a atender à enfermaria de mulheres, que incluía também a Urologia e a cirurgia geral. Para aquela enfermaria passaram a ser encaminhados os casos mais graves de infecções urinárias, na sua maioria homens<sup>57</sup>.

Com a eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932, JK recebeu a determinação de se apresentar ao 1º Batalhão de Infantaria da Força Pública, hoje 1º Batalhão da Polícia Militar (1º BPM). Embarcou junto com a tropa para o Setor Sul, na região de Passa Quatro, no sul de Minas Gerais, mais conhecida com a “Região do Túnel”, na Serra da Mantiqueira. A posição estratégica era privilegiada, principalmente devido à malha da Estrada de Ferro Sul de Minas. As tropas

paulistas invadiram o território mineiro, ocupando as cidades de Passa Quatro, Guaxupé, Extrema e Camanducaia. A viagem junto com a tropa se deu num vagão de 2º classe e durou três dias. A alimentação era “carne seca” bovina ressecada ao sol.

Na cidade de Passa Quatro, encontravam-se tropas do Exército Brasileiro, comandadas pelo coronel Eurico Gaspar Dutra, que atuaram em batalhas violentas contra as tropas paulistas, os denominados “revoltosos”. Os paulistas se encontravam bem entrincheirados nos contrafortes<sup>58</sup> da serra no lado mineiro, na entrada do túnel de Passa Quatro, antes da última estação em Manacá, com uma tropa bem superior, além de estarem em posições estratégicas na região topográfica irregular e de difícil acesso, a mais de mil metros de altitude, sendo que alguns pontos chegavam a 2 mil metros. Possuíam grande quantidade de metralhadoras, canhões de médio e longo alcance, espalhados no terreno. Por isso, era muito peri-



goso qualquer tipo de aproximação<sup>59</sup>.

JK, acompanhado pelo major médico José Rodrigues Pinto de Moura, também da Força Pública Mineira, ao chegar ao teatro de operações recebeu ordens para instalar o serviço médico com os recursos disponíveis. O local do serviço médico era uma antiga e modesta casa de caridade, composta de duas enfermarias e um ambulatório transformado em sala de operações. O nosocômio não tinha material cirúrgico, autoclave para esterilizar, compressas de gaze, anestesistas, enfermeiras ou outros médicos para ajudar, havendo assim que se improvisar tudo. O hospital era dirigido pela irmã Maria<sup>60</sup>, uma senhora francesa que em muito ajudou suprindo a falta de recursos.

Os três fizeram uma faxina no local, de modo a deixá-lo em condições para realização dos atendimentos. Montaram enfermaria com camas emprestadas dos vizinhos; a cozinha foi transformada em sala de esterilização,

com painéis e panelões também emprestados. A sala de cirurgia foi montada e equipada com os materiais levados de Belo Horizonte e os poucos que foram encontrados na Casa de Caridade. A instalação era antiga, estava suja e em péssimo estado. O local foi apelidado pelos combatentes de “Hospital de Sangue”. A improvisação era a solução para superar os recursos de que não dispunham, como medicamentos, instrumentais e ajudantes.

Por volta das 10 horas, chegou ao hospital um caminhão, oriundo da frente de combate, com vários feridos. Kubistchek narrou assim o episódio:

Do caminhão começaram a descer feridos. Uns tinham a farda ensanguentada, mas ainda caminhavam, outros, sustentados pelos padioleiros, gemiam, com a roupa estraçalhada, deixando ver ferimentos de estilhaços de granada nas partes expostas. Muitos deixavam-se levar, inertes, os braços caídos e a fisionomia contraída pela dor. Alguns já se encontravam em agonia.



Esta foi a minha primeira impressão na luta armada, tornada ainda mais pungente pelo cortejo dos sofrimentos que me competia minorar. Embora dramática a cena, a noção do dever não permitiu que eu ficasse para a observá-la. Ali estavam criaturas humanas reclamando pronta assistência<sup>61</sup>.

A luta se desenvolvia no teatro de operações de maneira violenta e sangrenta, pois eram incessantes as tentativas de retirar os paulistas dos contrafortes da serra, ao lado do túnel, onde se entrincheiravam muito bem armados. Nesse cenário, um sargento atingido por uma rajada de metralhadora no abdômen necessitava de uma laparotomia urgente. Irmã Maria, solicitada por JK a participar da cirurgia, respondeu que nunca havia feito aquilo antes, mas que “Deus lhe daria coragem”. Guardanapos foram fervidos num tacho, só havia duas pinças de dente e uma meia dúzia de pinças hemostáticas. As agulhas de costura substituíam as de sutura; havia tubos

de categute, mas os bisturis eram rombudos.

A improvisação era a regra, mas havia necessidade de um anestesista. Para tanto, um coronel médico do Exército compareceu ao hospital, examinou o enfermo e as perfurações no abdômen e exarou o seu parecer: “Nada se pode fazer, capitão. É uma questão de, no máximo, vinte e quatro horas”, conforme relata Kubistchek<sup>62</sup>. JK ponderou, mas o coronel foi embora. A solução como sempre foi improvisar, pois não havia máscara ombredante para o éter, sendo utilizado clorofórmio em uma pequena máscara de arame. Com relação ao anestesista, a ajuda veio de um veterinário, que após receber as instruções de JK, mesmo não tendo preparo técnico, foi para a sala de operação.

No procedimento operatório, constataram-se oito perfurações nas alças intestinais. Durante a sutura, ocorreu uma síncope<sup>63</sup> respiratória. O resultado da situação foi que o anestesista perdeu o controle, começou a



perguntar sem esperar as respostas. Irmã Maria, que ajudava rezando em voz baixa, passou a rezar em voz alta, mas firme. JK teve que retirar as luvas e realizar os procedimentos torácicos que colimaram com a recuperação do enfermo. Finalmente recolocou as luvas e terminou a operação<sup>64</sup>.

Oito dias depois, o paciente recebeu alta, fato esse que teve muita repercussão junto à tropa, assim como também a recusa do coronel médico anestesista de participar do procedimento. O coronel Barcelos, do Exército Brasileiro<sup>65</sup>, comandante-geral de todas as tropas naquele setor, determinou a instauração de inquérito para apurar o ocorrido e punir o anestesista pela recusa em participar de um procedimento cirúrgico de emergência. JK, contudo, explicou ao encarregado que não havia necessidade, pois não gostaria de contribuir para a punição de ninguém. Ademais, o assunto já estava resolvido e o militar havia sido salvo e já estava recuperado.

Adotando essa postura, a simpatia dos militares por JK e sua competência no hospital passaram a ser comentadas no seio da tropa. Militares do Exército chegaram a pedir que, caso fossem feridos em combate, fossem atendidos pelo médico da Força Pública Mineira. Houve uma aproximação de JK ao coronel Barcelos, vindo o oficial superior a visitar o Hospital de Sangue em uma inspeção e constatar a falta de recursos para os atendimentos dos combatentes. A visita resultou em providências junto ao chefe de Saúde da Força Pública Mineira, tenente-coronel Magalhães de Góis, como a ida de um trem-hospital equipado para Passa Quatro, visando a suprir as necessidades de atendimento à tropa.

Reconheceram o abnegado trabalho de JK e equipe, mas compreenderam que deveria haver um atendimento em toda extensão limítrofe da zona de conflito. Kubistchek explica como era integrado o trem-hospital,





sob o comando do capitão médico Carlos Quadros:

O comboio era integrado por um carro de transporte de doentes, com instalação radiológica completa; um carro de alta cirurgia e sala de assepsia; um carro dormitório, transformado em enfermaria, com vinte leitos; um carro de pequena cirurgia, com consultório médico, sala de curativos de pequena cirurgia, e gabinete dentário; e finalmente, uma prancha para a condução da auto-ambulância. Dispunha de profissionais especializados, como cirurgiões, clínicos, radiologistas, dentistas, farmacêuticos e enfermeiros, estando em condições de atender a qualquer emergência<sup>66</sup>.

Com a chegada do trem-hospital, cogitou-se a possibilidade de desativação do Hospital de Sangue e liberação de JK para retornar a Belo Horizonte. Contudo, o Coronel Barcelos disse: “O doutor Juscelino é indispensável aqui”, conforme afirma Araújo<sup>67</sup>. As atividades no Hospital de Sangue continuaram a ser exer-

cidas solidariamente com o trem-hospital. Quando o trem-hospital chegou a Passa Quatro, seus integrantes foram visitar a unidade de campanha, que apesar dos poucos recursos, cumpria o dever com esmero e muita dedicação. Durante a visita, chegou um soldado com ferimento na cabeça por um projétil de grosso calibre. JK o levou para o trem-hospital e o submeteu a uma craniotomia<sup>68</sup>. O procedimento foi realizado com sucesso e, três meses depois, o paciente já estava recuperado.

Araújo assim narra o momento em que se aventou a possibilidade de dispensar JK:

Logo após a chegada do Trem-hospital, foi aventada a possibilidade do doutor Juscelino Kubistchek retornar para Belo Horizonte. Mas o Comandante das Tropas, Coronel Christovão Barcelos não concordou, colocando um ponto final nos rumores, ao afirmar categoricamente: “O doutor Juscelino é indispensável aqui”. Pela competência e operosidade, o jovem cirurgia impusera-se à confiança de todos, do soldado ao co-



mandante. Era um verdadeiro médico de campanha, indo e vindo às frentes de batalha, infatigável no seu posto, sem conhecer cansaço e, em consequência, credor da admiração e da estima dos combatentes. Sua popularidade tornou impraticável sua saída do Hospital de sangue<sup>69</sup>.

Ainda no início das atividades no Hospital de Sangue, o major médico José Rodrigues Pinto de Moura, da Força Pública, retornou para Belo Horizonte. JK ficou atendendo apenas com a ajuda da irmã Maria, até que chegou o capitão médico do Exército Bayard Lucas de Lima<sup>70</sup>, que passou a trabalhar com eles. Outra ajuda que chegou foi um sacerdote, o Padre Alfredo Christovam Kobal<sup>71</sup>, vigário da cidade de Virgínia, próxima à cidade de Passa Quatro. Além da assistência espiritual aos feridos, também ajudava nos atendimentos de urgência. De nacionalidade austríaca, havia lutado na 1ª Guerra Mundial. Passou a ser conhecido por todos, sendo uma das figuras mais

populares junto aos integrantes da tropa.

Padre Kobal era uma pessoa admirável, usava perneiras de soldados e um casquete de campanha junto a uma batina preta surrada pelo uso contínuo. No casquete colocava os emblemas dos batalhões da Força Pública. Acompanhava JK nas idas e vindas, nos postos da linha de frente, onde distribuíam medicamentos, anti-hemorragicos e aplicavam injeções para as dores. Devido ao frio intenso, gripes e pneumonias em massa eram comuns nas trincheiras úmidas e geladas. Padre Kobal arrumava burros e os carregava com barris de cachaça, distribuindo aguardente para os soldados da Força Pública, como fazia nas trincheiras europeias durante a 1ª Guerra Mundial.

Armava um altar e celebrava missa para os soldados nas linhas de frente, doava sangue para os feridos, auxiliava no transporte dos atingidos. Tinha uma resistência física invejável, escalava montanha de mais de



mil metros de altura levando cigarros, cachaça, marmitta para os soldados nas trincheiras úmidas, geladas e lamacentas. Esticava os fios telegráficos, se estivessem danificados. Segundo Kubistchek, “Era padre, mas não olvidava o soldado que existia dentro si. Depois de atender os combatentes, recomendava: caprichem na pontaria, meus filhos. Acertem, mas sem ódio no coração”<sup>72</sup>.

No final do mês de julho de 1932, a Força Pública Mineira iniciou a ofensiva para retomar o Túnel. O acirramento da luta provocava combates sangrentos, produzindo inúmeras baixas. Os ataques visavam surpreender as tropas paulistas e eram frontais. Contudo, as tropas paulistas surpreenderam as tropas mineiras. Nesses combates, o coronel Fulgêncio, Comandante do 7º Batalhão de Infantaria, faleceu por rajadas de metralhadora, e os 2º tenentes Anastásio de Moura e Freitas foram vitimados pela explosão de uma granada de

mão. Várias praças foram feridas também.

O coronel Fulgêncio foi retirado da linha de frente e levado para o hospital nos braços do Padre Kobal. Atendido pelo Dr. Lucídio Avelar e mais três cirurgiões, faleceu na mesa de cirurgia. Ao chegar ao hospital estava gravemente ferido. JK o acompanhou e o assistiu nos seus derradeiros momentos. A morte do coronel provocou uma repercussão muito grande em todo o estado, a ponto de o Presidente recomendar a presença do Secretário Gustavo Capanema em Passa Quatro para as últimas homenagens<sup>73</sup>.

Acerca do episódio que culminou na morte do coronel e dos dois tenentes, além de diversas praças feridas, o coronel da Força Pública Mineira Edmundo Lery Santos, comandante da Brigada Sul, no seu relatório ao Secretário de Interior e também comandante-geral da Força Pública, relatou o seguinte:



Foi o pior dia que tivemos no setor do túnel, o dia 30 de julho [...], fazendo com que o inimigo nos causasse grandes baixas na nossa fileira, com a sua fuzilaria mortífera e certos disparos de artilharia. [...] Foi esse dia fatídico para a Brigada, perdemos o bravo Cel Fulgêncio de Souza Santos, no momento em que esse oficial dava ordens de preparativos para o desencadeamento da ofensiva, no flanco esquerdo, pelo 7º B.I. de seu comando. Além desse desastre, perdemos, quase na mesma hora, os 2os. Tenentes Anastácio Rodrigues de Moura e João Luiz de Freitas, os quais foram vítimas da explosão de uma granada de mão, no ato em que o primeiro fazia menção de arremessá-la contra o inimigo, tendo ambos morrido e ficado feridas diversas praças<sup>74</sup>.

Em 1953, na cerimônia dos Aspirantes da Força Pública, já denominada Polícia Militar<sup>75</sup>, houve um formando com o sobrenome Fulgêncio. JK, então Governador do Estado de Minas Gerais, determinou aos assessores que verificassem se havia

parentesco com o oficial que morreu no Túnel. Com a confirmação, ao final da solenidade, pediu que os familiares o encontrassem no salão nobre do DI<sup>76</sup> (hoje Academia de Polícia Militar). Quando os parentes chegaram ao salão, após perguntar se eles eram parentes do coronel Fulgêncio, Juscelino começou a se desculpar, emocionado, por não ter conseguido ajudar a salvá-lo. Contou como tudo aconteceu, finalizando que quando o coronel chegou para os médicos, já estava em estado muito grave, restando muito pouco para se fazer<sup>77</sup>.

O valor dos soldados da Força Pública Mineira ficou registrado num cintilante discurso do poeta Carlos Drummond de Andrade, quando este esteve na Serra da Mantiqueira. Foi também inserido no Relatório dos Serviços de Guerra, apresentado pelo Coronel da Força Pública Mineira, Edmundo Lery Santos<sup>78</sup>, comandante da Brigada Sul da Força Pública. Neste trecho, extraído do discurso referenciado,



abstrai-se a impressão descrita pelo poeta do soldado do túnel:

Não tenho o hábito nem o prazer dos discursos, transmitirei apenas, pelo microfone, uma imagem de trincheira, colhida nas linhas do sul. Quero oferecê-la á sensibilidade e á meditação de meus patrícios. Eu estive diante do Túnel e vi o soldado lutando. E o soldado não me viu, porque estava lutando. Estava integralmente lutando. Com o corpo dentro da terra, tal um bicho inferior, sua cabeça alçava-se á superfície e era como um acontecimento humano na paisagem da serra. Corpo e cabeça, e fuzil faziam um só indivíduo e acusavam em uma só direção.

A princípio meus olhos não distinguiram bem, porque da luminosidade da serra haviam passado para a escura e silenciosa trincheira. Percebia a terra cortada de fresco, os torrões ainda se esboroando, os degraus improvisados, os ramos secos e as vigas suspensas sobre nossas formas tateantes. Caminhávamos, tropeçávamos. E onde a luz não guiava, porque era ausente, guiou-nos o ruído seco, metálico, pontuado, das ar-

mas que detonavam. Foi então que eu vi o soldado – que eu senti o soldado, desenhando-se vagamente na estreita fita de luz coada pela abertura, onde havia paisagem e havia o cano da arma.

Aproximei-me daquela coisa grave e serena. Ele não percebeu. O olho na alça de mira, o pensamento no alvo, o mundo para ele era o morro inteiro, mancha verde, onde devia haver uma trincheira espiando; a vida estava inteira naquele instante, e não havia nem marchas passadas nem caminhadas futuras. Havia um fuzil, um alvo, um homem e um morro. Tudo era extremamente simples, nenhuma estilização, nenhuma contingência e nenhum cálculo. O soldado estava lutando, estava sinceramente, profundamente lutando.

[...] Mas na serra enorme eu via apenas um homem, feito de pau, de ferro, de substâncias indiferentes, um ser sem necessidades e sem desvios, agindo certo, visando reto, atirando firme. Eu vi o soldado lutando. [...]

Eu descí o morro, trazendo comigo o recorte daquela figura imensa, destacando-se na como uma árvore ou uma torre. Eu trouxe para o meu



trabalho miúdo e medíocre a admiração daquele soldado perfeito, anônimo e formidável, que lá está lutando na serra e são milhares, e cobrem uma linha que vai do sul ao triângulo e é a linha do nosso absoluto dever trouxe-o para que ele enriquecesse o meu espírito e ensinasse o meu caminho. Vendo-o, pensando nele, procurando compreendê-lo, como é fácil viver este caminho que o destino traçou Minas-Gerais. Todos os deveres são claros. As responsabilidades são nítidas. Mineiros estão lutando lá longe, nas alturas, aonde não chegam os boatos nem se insinuam as vacilações. E como poderíamos deixar que eles lutassem e fossemos ficando aqui, inertes, ridículos, pequeninos, fazendo o comentário malicioso dos telegramas, tecendo hinos desvirilizados à pacificação, dançando cinicamente o nosso tango ou distribuindo perversamente o nosso derrotismo?

Devido aos saques que estavam ocorrendo na cidade, foi deslocado para aquele teatro de operações um delegado chamado Benedito Valadares<sup>79</sup>, que mais

tarde foi designado para ser o interventor de Minas Gerais. Nos momentos de folga, JK saía com ele caminhando pela cidade – tornaram-se amigos – vindo Juscelino mais tarde a ingressar na política, sob os auspícios de Valadares. JK chegou a ser o seu chefe da Casa Civil, e durante a vigência do Estado Novo, em 1940, Valadares nomeou-o para ser o prefeito de Belo Horizonte. Durante o período em que foi prefeito, o conjunto arquitetônico da Pampulha foi edificado.

Em Passa Quatro, por ocasião do seu aniversário –13 de setembro –, foi oferecido a JK um jantar. O coronel Barcelos agradeceu-lhe pelo trabalho desenvolvido e o batizou carinhosamente de “o bisturi de ouro da Força Pública Mineira”<sup>80</sup>. Com a debandada das tropas paulistas, reinou a paz naquele setor. JK acompanhou os feridos até as cidades de Guaxupé e Varginha, depois se reintegrou às tropas, deslocando-se até a cidade de Campinas, onde se instalou o Quartel-General do coronel Bar-



celos. A força era de ocupação, haja vista que os revoltosos tinham se rendido. Nas ruas de Campinas eram chamados de “mineiros leprosos”.

No Relatório apresentado pelo Chefe do serviço de saúde do setor Túnel, major Dr. J. Santa Cecília, ao tenente-coronel Dr. Magalhães Góes, chefe do Serviço de Saúde da Força Pública, há um elogio ao Capitão Médico da Força Pública Juscelino Kubitschek, assim mencionado:

Dr. Juscelino Kubitschek – Cirurgião do Hospital de Passa Quatro temperamento de eslavado, calmo, modestíssimo, em extremo disciplinado, resistência de aço para, num só dia, socorrer a mais de 40 feridos, sem se esfaltar, foi a grande revelação do S.S. Mostrou-se um ótimo cirurgião, um improvisador de meios para uma boa assistência aos grandes feridos de guerra, com impecável educação, inteligência e maneira discreta. O seu elogio pode ser resumido, transportando-se para aqui o pedido dos oficiais do Exército que, ao partirem para a frente, solicitavam terem-

no como cirurgião, no caso de ferimento em combate.

No hospital de Sangue, no período de 20 de julho de 1932 até 13 de setembro de 1933, foram contabilizados mil e trinta e sete atendimentos, entre feridos, mortos e enfermos. Ao final do conflito, JK retornou para Belo Horizonte. Ao chegar, foi requisitado para se apresentar perante o Presidente do Estado, Olegário Dias Maciel, que lhe agradeceu pelos trabalhos efetuados em prol do povo mineiro no setor sul, durante a Revolução Constitucionalista. Acerca da estada de JK em Passa Quatro, a consequência em sua vida e na política nacional, devido ao prestígio das pessoas que ali serviram, pode-se constatar, conforme relata Kubitschek:

O desvio brusco no rumo do destino teve, como tudo na vida, uma origem remota, quase sem importância. Minha experiência em Passa Quatro significou como que um marco. Foi, de fato, o segundo passo numa escalada



longa, mas na época, absolutamente imprescindível. O primeiro havia sido minha nomeação para médico do Hospital Militar da Força Pública de Minas. A designação para servir no setor do Túnel fora o segundo. Ali ultrapassei, sem querer, as fronteiras do limitado mundo em que vivia, e pude contemplar cenários diferentes, horizontes mais amplos. O que vi em Passa Quatro pareceu-me inteiramente novo. Era a primeira vez que exercia minha atividade num verdadeiro teatro de guerra. O setor do túnel – não sei por que estranha fatalidade – acabou sendo a sementeira de uma nova geração de políticos. Naquela área, verifica-se, de fato, intensa fermentação política. O prestígio que algumas pessoas ali adquiriram levou-as mais tarde às mais elevadas posições no País.

Um coronel do Exército – Eurico Gaspar Dutra – seria ministro da Guerra e presidente da República. Três governadores de estado emergiram das trincheiras da Mantiqueira: O capitão Ernesto Dornelles, do Rio Grande do Sul; o capitão Zacarias Assunção, do Pará; e o chefe de Polícia do

Setor, Benedito Valadares, de Minas Gerais<sup>81</sup>.

#### d) Ingresso na vida na política e o acidente automobilístico

De volta a Belo Horizonte, JK retomou a rotina de médico, atendendo no Hospital Militar, na Santa casa e no consultório. No ano seguinte à Revolução Constitucionalista, faleceu o Presidente do Estado de Minas Gerais, Olegário Dias Maciel, em 5 de setembro de 1933. Aí surgiu a oportunidade de Getúlio de nomear um interventor, aniquilando o liberalismo conservador mineiro, que resistia às reformas políticas e sociais que queria implantar. Já havia tentado afastá-lo, mas sem lograr sucesso, agora era a sua oportunidade. O perfil do sucessor: teria que ser um homem sem filiações, criação sua e obediente à voz do seu criador, conforme relatou Kubistchek<sup>82</sup>.

Interinamente, o estado ficou sendo governado por Gustavo Capanema, o qual tinha a esperança de ser nomeado inter-





ventor. Ele era apoiado por Flores da Cunha e Virgílio de Melo Franco, outro candidato à vaga, por Oswaldo Aranha e os tenentes. Os dois pretendentes à vaga eram fortes politicamente. Getúlio protelou ao máximo a decisão final. Se escolhesse qualquer um, iria desagradar o lado perdedor, e as consequências políticas seriam desastrosas. Porém, no final daquele ano de 1933, decidiu por um deputado Federal do Partido Progressista.

O escolhido foi Benedito Valadares, que ficou no cargo até 1945. Em momento algum era lembrado por um dos grupos, mas foi nomeado para o cargo de interventor do estado. Não era brilhante, inteligente ou culto, mas sobravam-lhe tato, malícia, capacidade de envolvimento e habilidade política. Estava órfão politicamente, pois era apadrinhado por Olegário Maciel, que havia falecido. Ao ser nomeado interventor de Minas Gerais, passou a ser adotado por Getúlio Vargas. Ao assumir a direção do estado, convidou JK para ser o

Secretário da Casa Civil, e não foi fácil convencê-lo, haja vista que o dedicado médico não queria assumir qualquer atividade que o afastasse do exercício da medicina. No entanto, JK acabou aceitando.

O momento vivido pode ser assim entendido, conforme Silva e Carneiro<sup>83</sup>: “A engrenagem política colhera-me por fim. Percebi desde logo que não conseguiria fugir mais ao seu processo de trituração. Tudo havia acontecido por acaso, sem que eu houvesse feito o menor esforço para orientar, naquela direção, o rumo da minha vida”. Mesmo tendo assumido a Chefia da Casa Civil, não deixou de clinicar. Em 1934 foi eleito Deputado Federal pelo Partido Progressista (PP), sendo o mais votado. Em 1935 tomou posse no Palácio Tiradentes, cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Ao tomar posse como Deputado Federal, afastou-se do serviço de urologia do Hospital Militar e da terceira enfermaria da Santa Casa. Como era também secretá-



rio do Partido Progressista, permanecia mais em Belo Horizonte com objetivo de realizar entendimentos com os chefes de diretórios municipais. Nas eleições municipais de 1936, trabalhou assiduamente em Diamantina, onde tinha poucos correligionários. O maior adversário e favorito até então era o Partido Republicano Mineiro (PRM) do ex-presidente Artur Bernardes. Em Diamantina e seus distritos, ia de cavalo nas estradas tortuosas, visitando todos os eleitores de casa em casa para solicitar votos. Até então era inédita essa estratégia. O resultado das eleições foi que o PP saiu vitorioso em onze das quinze vagas para vereadores distritais.

Mesmo afastado das atividades da medicina no período em que era Deputado Federal, JK continuou a clinicar nas cidades e distritos que visitava. Atendia pacientes carentes que enfrentavam filas enormes para obterem consultas e receitas grátis. Em 1937, com o golpe do Estado Novo<sup>84</sup>, o congresso foi fechado,

JK renunciou à chefia política de Diamantina, abandonando a política. Retornou ao exercício exclusivo da medicina, no Hospital Militar, no Hospital da Santa Casa, no Hospital São Lucas e no seu consultório, não querendo mais se envolver em política. Segundo Araújo<sup>85</sup>, Juscelino Kubistchek “Prometeu a si mesmo não voltar mais à política”. Silva e Carneiro<sup>86</sup> corroboram que “fora uma experiência válida, mas já era assunto encerrado”.

Exercendo novamente a medicina, percebeu que não era mais o mesmo cirurgião – a mão estava hesitante e o raciocínio lento. Sem que pudesse restabelecer suas habilidades, qualquer ato cirúrgico estaria com o desempenho fadado ao insucesso. O caminho seria a reciclagem, pois o cirurgião, como o pianista, deve treinar diariamente. Solicitou ao diretor da Faculdade de Medicina autorização para estudar os cadáveres à noite. Estudou anatomia topográfica, explorando as regiões do corpo humano, principalmente os rins e as vias uri-



nárias, durante três meses. Ao final, conseguiu readquirir a destreza, além de se atualizar com a prática anatômica.

Em 1938 foi promovido ao posto de tenente-coronel da Força Pública, sendo designado para assumir a chefia do serviço de cirurgia do Hospital Militar. A designação se deu em face da aposentadoria do tenente-coronel médico Octaviano de Almeida. Continuou sua rotina, chegando por volta das sete horas da manhã e, às vezes, antes, no Hospital Militar, depois se deslocava para a Santa Casa, assumindo a clínica de urologia, antes de ser prefeito de Belo Horizonte. Operava pacientes particulares no Hospital São Lucas, além de atender os seus clientes no consultório particular.

Em 1940, durante a vigência do Estado Novo, foi surpreendido com a publicação, no Diário Oficial, de seu nome para ser o Prefeito de Belo Horizonte. Ficou muito surpreso, pois dois meses antes havia recusado o convite diretamente do Interventor do

estado, Benedito Valadares. Depois de muito refletir, aceitou o convite. Carneiro e Silva, relatam que Kubitscheck assim descreveu o momento:

Na noite de 18 de abril, após aquela longa vigília no escritório, decidi sobre o caminho que devia seguir. Sendo prefeito, iria agir outra vez como médico. O doente ali estava. Era Belo Horizonte um doente que repousava num leito de fícus e de rosas. A política havia me envolvido de novo. E desta vez, definitivamente<sup>87</sup>.

Como prefeito otimizou um plano de modernização, após conseguir empréstimo, realizando várias obras na cidade. Pelo seu dinamismo e ritmo de trabalho, foi apelidado pelos habitantes de Belo Horizonte de “Prefeito Furacão”. A mais importante e lembrada obra foi a urbanização da Pampulha, com seu lago artificial e o conjunto planejado por Oscar Niemeyer. Nele foram edificadas o Iate Clube, a Casa do Baile e a Igreja de São Francisco. A Igreja de São Francisco foi



adornada com painéis decorados por Portinari, e o jardim em volta dela, planejado por Burle Max. Toda a obra do complexo da Pampulha foi concluída em nove meses.

Há uma situação que merece ser destacada, que foi a não aceitação, por parte do Arcebispo D. Antônio Cabral, de que o quadro representando o santo patrono da igreja fosse a figura de um cachorro e não de um lobo. JK lhe explicou que o cachorro representava bem o brasileiro e que era uma comovente expressão de fidelidade ao santo. Contudo, o Arcebispo entendeu ser um “escárnio à religião”. Por esse motivo, a igreja somente foi consagrada dezessete anos depois, pelo Arcebispo sucessor de D. Cabral, D. Resende Costa. JK conseguiu que o conselho municipal de Belo Horizonte doasse a igreja de São Francisco para a “Mitra Arquidiocesana”.

Todo este imbróglio assim se sucedeu, segundo Silva e Carneiro:

Todo o conjunto executado em 9 nove meses. Mas houve uma forte reação por parte do Arcebispo Dom Antônio Cabral que não aceitou o fato de no quadro representando o santo patrono da igreja constar a figura de um cachorro. Expliquei-lhe que Portinari havia nacionalizado a afeição do santo pelos animais. Ao invés do lobo, um cachorro humilde, bem brasileiro, que deixava transparecer, através de toda sua figura, uma comovente expressão de fidelidade ao santo. Dom Cabral, porém, não pode conter sua indignação: ‘Um cachorro atrás do altar... Isso é um escárnio à religião’. Por este motivo a igreja de São Francisco teve de esperar 17 anos para ser consagrada por dom João de Resende Costa, sucessor de dom Cabral. Juscelino obtivera que o Conselho Municipal de Belo Horizonte aprovasse um projeto do vereador Celso de Melo de Azevedo, autorizando a doação da igreja à Mitra Arquidiocesana<sup>88</sup>.

JK, mesmo sendo prefeito de Belo Horizonte não largou o exercício da medicina. Continuou a clinicar nos mesmos lugares,



sempre pela manhã. Na parte da tarde, ou mesmo à noite, administrava a cidade. Em 1944, fez opção de somente se dedicar à política. No hospital São Lucas operou um paciente com quadro de apendicular agudo, com peritonite generalizada, duas vezes, e após as cirurgias a pessoa se recuperou. Ao comunicar à esposa do paciente que ele receberia a alta, disse: “Hoje vou dar duas altas. Uma, ao seu marido, que já está bom pode retornar a suas atividades. E outra, a mim mesmo, pois encerro, com o seu caso, minha atividade profissional”<sup>89</sup>.

Com a criação da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em 1950, JK pertenceu aos quadros dos primeiros docentes da escola. Foi o titular da disciplina de Urologia, porém em 1954, quando a primeira turma estava cursando o quinto ano, teve que se afastar. O motivo foi a falta de agenda para conciliar as aulas e as atividades como chefe do executivo mineiro. Na oportunidade, indicou como seu substituto José Bolivar Drumond. Em

1958, doou o terreno na Alameda Ezquiel Dias para construção do prédio que passou a abrigar a escola a partir de agosto de 1964<sup>90</sup>.

Em outubro de 1945, JK foi substituído pelo engenheiro João Gusman Júnior na prefeitura de Belo Horizonte. Deixou uma cidade com várias obras públicas acabadas, como a urbanização da Pampulha, multiplicação de redes de esgoto e do abastecimento de água, abertura de novas avenidas e ruas. Nessa época o jaleco já tinha sido substituído pelo terno. JK ajudou a organizar o Partido Social Democrático (PSD) e, no final de 1945, foi eleito Deputado Constituinte. Participou da elaboração da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 18 de setembro de 1946. Durante as sessões na Câmara, JK e Israel Pinheiro, ambos deputados, já pregavam a necessidade da mudança da Capital do Brasil<sup>91</sup>.

Em 3 de outubro de 1950, conseguiu se eleger Governador do Estado de Minas Gerais. Nas eleições, venceu o concunhado



Gabriel Passos. Ao assumir o governo mineiro, em 31 de janeiro de 1951, constatou *in loco* que o estado estava parado no tempo. Silva e Carneiro afirmaram que “em Minas, tudo estava por ser feito. O progresso existente, a riqueza circulante, os poucos empreendimentos haviam sido criados pela iniciativa privada. Não existia em todo o estado parque industrial”<sup>92</sup>. A lavoura estava debilitada. Para superar a parada no tempo, o binômio “Energia e Transporte” foi desdobrado em duas etapas, sendo a primeira a eletrificação e estradas, e a segunda à industrialização.

O resultado do seu governo foi a criação da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), apolítica e em padrões privatistas, abertura de estradas, campos de aviação e construção e reformas de usinas hidrelétricas e indústrias. E uma grande realização foi a Siderúrgica Mannesmann, instalada na época no distante bairro Barreiro, bem afastado do centro da cidade. Criou

também o Frigorífico Minas Gerais (Frimisa) e a Fertilizantes Minas Gerais (Fertisa), dentre outras realizações, tudo feito com apoio do Presidente da República, Getúlio Vargas, que cumpria o mandato, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). JK propôs a mudança da cor do triângulo da bandeira do estado, de verde para vermelha, junto à Assembleia Legislativa, o que foi aprovado em 1963, pela Lei nº 2.793.

Em 1955 lançou sua candidatura à Presidência da República, embora o Partido da União Democrática Nacional (UDN) não o aceitasse, alegando que ‘seria uma volta à era Vargas’. Promoveram todo tipo de manobras possíveis para tentar não só minar, mas, depois de eleito, impedir sua posse. Só tomou posse por causa da pronta, eficaz e eficiente interferência do Ministro da Guerra, Marechal Lott, que garantiu a ordem constitucional brasileira. Segundo Heliodoro, “as oposições a sua campanha se estendiam também dentro do



seu partido PSD, em Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e até mesmo o líder mineiro Benedito Valadares. No Rio de Janeiro o PSD não se abria declaradamente [...]”<sup>93</sup>.

Ao iniciar a campanha à presidência, JK elaborou com uma equipe de técnicos um “Plano de Metas” englobando todos os setores do Brasil e objetivando o desenvolvimento do País – “cinquenta anos em cinco de governo”. Porém, nenhum deles contemplava a mudança da capital do Brasil para o centro do país. Um fato inusitado acabou colimando com a construção e inauguração da cidade de Brasília, no Centro-Oeste brasileiro. No dia 4 de abril de 1955, JK se deslocou para a cidade de Jataí, no estado de Goiás, para um comício. “Inaugurava nova forma de se comunicar com os eleitores: o diálogo, aceitando, do palanque, perguntas dos que o aparteariam”<sup>94</sup>.

Durante o comício, Antônio Carlos Soares, conhecido como Toniquinho, perguntou a JK se

ele, eleito, cumpriria o mandato constitucional que determinava a mudança da capital para o Planalto Central. JK respondeu em segundos, dizendo: “Cumprirei a Constituição, farei a mudança da Capital”. Segundo Silva e Carneiro, no comício, os fatos ocorreram assim:

Em Jataí, entretanto, ocorreu um fato, relacionado com essa inovação, que iria tornar aquele comício histórico. Quando, ao terminar o discurso, indaguei se alguém desejava fazer-me alguma pergunta, um popular adiantou-se e me interpelou: ‘Já que o senhor se declara disposto a cumprir integralmente a Constituição, desejava saber se irá pôr em prática aquele dispositivo da Carta Magna que determina a transferência da Capital da República para o Planalto Goiano’. A pergunta era, na realidade, embaraçosa. Desde que me candidataria à Presidência, havia organizado, com a cooperação de uma equipe de técnico, um programa de governo que, se eleito, iria realizar. Tratava-se do Plano de Metas, que englobava todos os setores do País.



Em nenhuma das 30 metas, porém, havia qualquer referência à mudança da Capital. Desde muito tempo, já me habituara a ver, no mapa do Brasil, aquele retângulo colorido, assinalando o futuro Distrito Federal. A ideia sempre me parecera utópica, irrealista. Entretanto, naquele comício de Jataí, de súbito, posto frente a frente com o desafio, o aparteante, sendo goiano, tinha interesse no problema. Além do mais, a mudança estava prevista na Constituição. Não hesitei um segundo e respondi, com firmeza: 'Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição, e não vejo razão para ignorar esse dispositivo. Durante o meu quinquênio, farei a mudança da sede do governo e construirei a nova Capital!' O aparteante chamava-se Antônio Carlos Soares, o Toniquinho. Era coletor estadual<sup>95</sup>.

O motivo de ter se iniciado a campanha presidencial pela cidade de Jataí e não por uma das grandes capitais do Brasil se escura na possibilidade real de acabar, antes de começar, caso promettesse a mudança do capital

para o interior. A pergunta retratou o movimento mudancista que era integrado por goianos e paulistas, e que já se espalhava para outras regiões. Depois da pergunta e a resposta de JK, em todos os comícios era questionado acerca do compromisso assumido. No seu plano de metas, com trinta metas já elencadas, Brasília passou a ser a trigésima primeira, sua terceira filha, como a ela se referia, segundo Heliodoro<sup>96</sup>.

Acerca do pensamento de JK sobre a mudança da Capital, Heliodoro descreve:

A mudança da Capital para o interior do Brasil era, sim, preocupação de Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, tanto que, por ocasião da Constituinte de 1946, ambos, Juscelino e Israel Pinheiro, deputados federais, faziam inflamados discursos propondo a mudança da Capital para o interior. Que a Capital deixasse o litoral e trouxesse para o centro do país as condições indispensáveis à ocupação e o natural crescimento econômico das vastas regiões isoladas,





hoje transformadas em celeiro econômico do Brasil. Assim, JK ao chegar em Jataí em 1955, já levava, não em seu programa de governo, em seu Programa de Metas, mas em seu pensamento e em sua decisão, a ideia da mudança da capital para o interior<sup>97</sup>.

Portanto era uma das metas ocultas de JK no seu plano de metas, que não podia ser declarada, haja vista a oposição ferrenha da UDN, principalmente de Carlos Lacerda<sup>98</sup> – tirar a capital do Rio de Janeiro e afastá-la das lindas praias cariocas. A cidade Maravilhosa deixaria de ser Capital do Brasil e o “cérebro das altas decisões nacionais”, depois de quase duzentos anos gozando desse privilégio. Quando se decidiu pela mudança, a imprensa paulista e carioca orquestrou uma violenta oposição nacional. O interesse coletivo era descartado em prol do pessoal<sup>99</sup>.

A interiorização já tinha sido proposta pelos colonizadores portugueses e do Brasil Imperial. Nessa toada de acontecimentos, passou a ser a preocupação de JK,

enfrentando obstáculos e adversários ferozes. Segundo Heliodoro<sup>100</sup>, JK, desde 1946, tinha em mente a mudança, mas o alvo inicial era Minas Gerais. Em 1960, a população brasileira era de 70 milhões, um terço vivia no litoral. No Centro-Oeste, havia meio habitante por KM, ou seja, um terço do Brasil era despovoado.

Depois de assumir o governo, houve várias manifestações populares reivindicando a mudança da capital. JK era “mudancista” e já defendia essa ideia desde 1946, durante as sessões da Assembleia Nacional Constituinte. Devido às oposições, houve imperiosa necessidade de alguém se manifestar antes, num comício de início de campanha, em 4 de abril de 1955, na cidade de Jataí, que era pessedista: “Certamente porque havia, nas hostes pessedistas, um trabalho de preparação feito no sentido de dar ao candidato o respaldo e uma, sustentação popular, um clamor público, que desse substância ao seu compromisso”<sup>101</sup>.



Eleito Presidente da República, JK tomou posse em 31 de janeiro de 1956, ficando no cargo até 31 de janeiro de 1961. Foi eleito com 36% dos votos, contra 30% dados a Juarez Távora, 26% a Ademar de Barros e 8% a Plínio Salgado. João Goulart, vice-presidente eleito juntamente com Juscelino obtivera mais votos que o Presidente. Sua gestão foi marcada por grandes obras de repercussão nacional e internacional. A construção e inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil, sem dúvidas que foi o expoente.

Em 25 de julho de 1959, foi transferido para a reserva remunerada, com promoção ao posto de coronel médico da Polícia Militar. O ato foi assinado pelo então governador do Estado José Francisco Bias Fortes. Na oportunidade, JK foi condecorado com a medalha de Mérito Militar Grau Ouro. Naquele mesmo ano, segundo Santos<sup>102</sup>, sofreu um infarto. E quando retornou do exílio, estando preso no 3º RI em São Gonçalo, no final dos anos de

1960, os médicos constataram as seguintes enfermidades: arteriosclerose coronariana, hipertensão arterial, diabetes, gota, infecção urinária (pós- operação), síndrome de depressão psíquica e ruptura traumática do tendão de Aquiles esquerdo. E em 1970, teve câncer de próstata, mas ficou curado, por ter sido operado ainda no início da doença.

Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960. A UDN apoiou o projeto, na esperança de ser fracassado, haja vista a promessa de JK de fazê-lo ainda no seu mandato, o que foi cumprido. A UDN queria tirar proveito, cobrando a obra não realizada para desmoralizar JK, caso desse errado. Acerca da construção de Brasília, numa conferência na Universidade de Notre Dame, em 20 de março de 1968, assim disse JK, conforme relata Heliodoro:

Não posso me guardar do sentimento de orgulho, por ter merecido de Deus a graça da criação de Brasília, ponto culminante da minha vida de estadista.



Orgulho-me, ainda, de ter sido capaz de criar Brasília como cidade da esperança, símbolo da fé no cristianismo e no futuro democrático da civilização ocidental<sup>103</sup>.

Durante o governo de JK, houve democracia na sua essência, com imprensa livre, poderes legislativo e judiciário prestigiados e fortalecidos. Mesmo tendo ocorrido duas rebeliões, Jacareacanga e Aragarças, não houve presos políticos. O Marechal Lott<sup>104</sup>, Ministro da Guerra do governo, embora disciplinado e disciplinador, segundo a UDN era o “contestável da República”, todos lhe deviam obediência. Porém, nunca se insurgiu contra uma decisão do Presidente JK, mesmo quando se opôs à promoção de Castelo Branco e Mourão Filho ao generalato. O Marechal foi contra as promoções, alegando que o primeiro era lacerdista, e o segundo não tinha méritos para ser promovido. Mesmo assim JK os promoveu.<sup>105</sup>

Ao sair Presidência, Juscelino foi eleito Senador pelo Estado

de Goiás, sendo cassado pelo governo militar em 8 de junho de 1964. Em 13 de junho, partiu para a Europa num exílio voluntário, só retornando ao Brasil em 9 de abril de 1969. Morou em Paris, Lisboa e Nova York. O motivo, segundo acusação do governo militar, era corrupção e de ser apoiado por comunistas. Também teve os seus direitos políticos suspensos por dez anos. Castelo Branco disse que JK foi cassado por motivos políticos, conforme seu ministro chefe da Casa Civil, Luiz Viana Filho.

Devassaram a vida de JK em investigações que buscaram encontrar qualquer desmando, desonestidade, com o objetivo de destruir sua reputação. Contudo, não encontraram nada, todos os inquéritos instaurados foram arquivados por falta de provas. O Presidente Figueiredo, através do seu Ministro da Comunicação Social, Said Farah, referiu-se a JK, anos mais tarde, de maneira elogiosa, pela sua operosidade, clarividência e pobreza. Na oportunidade, disse que havia sido en-



carregado de inquérito para apurar alguma coisa envolvendo JK, e nada foi encontrado que o desabonasse.

Para melhor compreender o momento, Heliodoro traz as seguintes revelações:

O governo Castelo Branco manifestou, depois, que JK foi cassado exclusivamente por motivos políticos, conforme declaração pública de seu Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Luiz Viana Filho. E o Presidente Figueiredo falaria, mais tarde, a seu Ministro da Comunicação Social, Said Farhat, referindo-se elogiosamente ao ex-presidente pela sua “operosidade e clarividência em matéria de desenvolvimento social, mencionado ainda a relativa pobreza de JK”.

O Ministro Farhat perguntou ao Presidente Figueiredo como ele sabia desse fato. O Presidente respondeu-lhe “que ele próprio fizera o inquérito sobre a vida passada de Juscelino e nada de sério encontrara a desabonar a honradez do ex-Presidente da República”.

Indaga ainda o Ministro Farhat: “Por que então foi

cassado?” Respondeu-lhe Figueiredo, com sua franqueza habitual: “Porque Costa e Silva queria”.

Continua Said Farhat: “A cassação de Juscelino visava a impedir que ele viesse a concorrer à Presidência, ou se mantivesse ativo politicamente, servindo como elemento polarizador dos que desejavam o poder restituído à sociedade civil. Era parte do processo de tomada de poder pelos militares e que, mais adiante, ficaria representado e corporificado na candidatura do então Ministro do Exército, Costa e Silva, à sucessão do Presidente Castelo Branco”. Assim relata Said Farhat o acontecimento em seu livro a ser publicado.

Mais tarde, fiquei sabendo que o presidente Tancredo Neves contava uma história que bem caracterizava o estilo Costa e Silva. Numa visita a Belo Horizonte, Costa e Silva hospeda-se no Palácio das Mangabeiras, residência do Governador do Estado. Levanta-se cedo e vai tomar seu café da manhã sozinho. Dona Coracy, esposa de Israel Pinheiro e primeira-dama de Minas, vem fazer-lhe companhia e comenta: “Tenho grande admiração pelo Presidente



Castelo Branco. Reconheço-lhe muitas qualidades, só não perdôo o fato dele ter casado Juscelino.” Ao que Costa e Silva, continuando seu café, responde: “Então, pode perdoar, porque quem cassou Juscelino fui eu<sup>106</sup>.

Em conversa com o Senhor Serafim Jardim, ex-secretário pessoal e hoje o responsável pela Casa JK em Diamantina, ele relatou que Ademar de Barros contou para JK que estava em um carteadado, junto com Costa e Silva, quando ele recebeu um telefonema do então Presidente Castelo Branco e, na oportunidade, ouviu Costa e Silva dizer: “Presidente, a intenção de caçar JK não é só minha, mas de 60 mil homens armados”. Portanto se conclui que Castelo Branco foi conivente, e Costa e Silva foi o grande mentor da cassação do mandato e suspensão dos direitos políticos de JK por dez anos.

No último encontro da sua turma de faculdade, na casa de Pedro Drummond de Salles e Silva, médico e Professor Emérito da

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas, uma das esposas de seus colegas perguntou a JK “o que ele fazia para se manter jovem”. Juscelino assim respondeu, segundo Araújo:

Não sei se estou tão jovem, mas o melhor remédio para não envelhecer, ou envelhecer mais devagar, é “não guardar raiva”. Não tenho raiva de ninguém, nem mesmo dos que me perseguiram tanto. A esses eu dedico apenas uma boa dose de desprezo e os esqueço<sup>107</sup>.

No dia 22 de agosto de 1976, JK morreu em um acidente automobilístico, na Via Dutra, km 165, próximo a Resende, quando viajava da cidade de São Paulo para a cidade do Rio de Janeiro. Segundo Santos<sup>108</sup>, a Comissão da Verdade nacional concluiu por “acidente”, mas a Comissão da Verdade do município de São Paulo concluiu por “atentado”. Prevaleceu a versão oficial segundo a qual o ônibus da viação Cometa fechou e colidiu de leve com o opala em que estava JK.



Este, trafegando a uma velocidade de mais de 100 km/h, desgovernou-se e atravessou a pista, colidindo com caminhão que trafegava em sentido contrário. No acidente, além de JK, morreu o seu motorista e amigo, Geraldo Ribeiro. Serafim Jardim refuta essa versão veementemente<sup>109</sup>.

O homem simpático, carismático, médico caridoso, zeloso e atencioso para com os pacientes, sobretudo para os mais humildes, JK deixou-nos fisicamente, vivendo no imaginário da saudade. Patriota e estadista, ousou trabalhar em prol do desenvolvimento do Brasil, sempre sendo fiel ao povo. Prezou pela moralidade, probidade e obediência às leis vigentes, sobretudo à Lei Maior, a Constituição, e enfrentou todas as adversidades da imperfeição humana.

## CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo pesquisar e demonstrar se a condição de médico facilitou

ou mesmo abriu os caminhos para JK se tornar militar e um grande estadista mineiro e brasileiro. Após ter sido formulada a pergunta norteadora, foram elaborados os objetivos geral e específicos para se desenvolver a pesquisa bibliográfica, delimitando-se o período de observação ao de seu nascimento até o falecimento e procurando-se retratar todas as importantes fases de sua vida.

No decorrer da pesquisa, ficaram demonstradas a origem humilde de JK e as dificuldades de sua mãe, viúva, para criar os filhos (Juscelino e a irmã). Seu esforço para estudar, passar no concurso de telegrafista, nos exames preparatórios e no vestibular para a faculdade de Medicina também foram comprovados. Sua labuta para cursar Medicina durante o dia e trabalhar de madrugada, como telegrafista da agência de correios ficou bem evidenciada, assim como os desafios do início da profissão de médico, a designação para Força Pública (PMMG), a participação



na Revolução Constitucionalista de 1932, o ingresso na política e suas gestões como governador de Minas Gerais e Presidente da República.

Sua aspiração desde criança era ser médico. Perseverou por esse objetivo e se formou em 1927. Na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, foi interno-residente e, depois de formado, foi auxiliar na terceira enfermaria de cirurgia, trabalhando com o seu cunhado Júlio Soares, que muito o ajudou. Buscando melhoria progressiva, foi se aperfeiçoar em Urologia na França, com o Dr. Chavessu. Na oportunidade, viajou para outros países europeus, como Alemanha, visitando hospitais para aprender novas técnicas.

Como médico da Força Pública de Minas, participou da revolução de 1932. Foi um dos médicos em Passa Quatro, sul de Minas, no Hospital de Sangue, quando por várias vezes ganhou admiração dos militares que ali serviam, pela dedicação, empenho, zelo, carinho e cuidado com

os pacientes. Nesse conflito, teve a oportunidade de conviver com pessoas que mais tarde vieram a ocupar cargos importantes, como Benedito Valadares, que o levou para a política.

Cediço esclarecer que embora tenha se envolvido na política, sempre procurou se esquivar dela, recusando convites para cargos públicos diversos da medicina. Em certo momento durante a vigência do Estado Novo, porém, aceitou ser Prefeito de Belo Horizonte. Antes da vigência do Estado Novo, tinha sido secretário da Casa Civil do governo de Minas Gerais e, em 1934, foi eleito e empossado deputado federal. Em 1937, houve o fechamento do congresso, surgindo daí a relutância em voltar para a política, que o afastava da medicina.

Mesmo exercendo cargos públicos, somente nos últimos anos como prefeito fez sua última cirurgia no hospital São Lucas em Belo Horizonte, trocando de vez o avental pelo paletó. Depois de 1945, elegeu-se deputado constituinte, governador, presi-



dente da República e, por fim, Senador pelo estado de Goiás, antes de ser cassado e ter os seus direitos políticos suspensos por dez anos. Depois da cassação, exilou-se por três anos. Retornando ao Brasil, chegou a ficar preso e, até o seu falecimento, não pôde se candidatar a mais nenhum cargo. Quando voltou, foi investigado de maneira inquisitorial, sem que lhe fosse imputado nenhum fato desabonador ou criminoso relacionado ao período em que ocupou cargos públicos ou mesmo em sua vida privada.

Embora todos se lembrem de JK como estadista, como o Governador que preparou Belo Horizonte para ter a estrutura de uma metrópole, o presidente que trouxe indústrias, montadoras de veículos e construiu Brasília, o líder democrático e desenvolvimentista, não se pode esquecer a sua trajetória como médico. Não só na Santa Casa em Belo Horizonte, mas também no Hospital Militar, no Hospital São Lucas, no consultório particular e no hospi-

tal de Sangue em Passa Quatro, durante a Revolução Constitucionalista. Em todos deixou marcas indeléveis de sua competência, carisma, zelo, cuidado e amor ao próximo cumprindo o juramento de Hipócrates.

Conclui-se, assim, que a pergunta norteadora e os objetivos traçados na presente pesquisa foram respondidos. Ser médico foi o passaporte de JK para a carreira militar e para se tornar um grande estadista mineiro e brasileiro. Comprovou-se que foi um excepcional estadista e médico, tendo se destacado como cirurgião e urologista. A Sociedade Brasileira de Urologia o proclamou patrono da especialidade. A Lei nº 13.564, de 21 de dezembro de 2017, assinada pelo presidente Michel Temer, designou o ex-presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira como patrono da especialidade de urologia no Brasil.





## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Fernando. *Juscelino Kubitschek, o médico*. Belo Horizonte: RC Editora e Gráfica, 2002.

HELIODORO, Afonso. *JK, exemplo e desafio*. Brasília: Theasaurus, 2012.

KUBITSCHKEK, Juscelino. *Meu Caminho para Brasília*. Rio de Janeiro Bloch Editores S.A., 1974.

JARDIM, Serafim. *Juscelino Kubitschek: onde está a verdade?* Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCO FILHO, Luiz. *História militar da PMMG*. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa e Pós-graduação-PMMG, 2005.

FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Movimento de 9 de julho de 1932*. Edição Especial Comemorativa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2012.

SANTOS, Manoel Hygino. *Nono do Tijuco: pioneiro em urologia*. Belo Horizonte: Santa Casa de Misericórdia, 2018.

SANTOS, Edmundo Lery. *Movimento de 9 de julho de 1932*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1933.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Os presidentes: Juscelino Kubitschek - 19º Presidente do Brasil*. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983.

## NOTAS

<sup>1</sup> JK – Abreviatura do nome de Juscelino Kubitschek.

<sup>2</sup> Médico – Diplomado em medicina. Profissional que exerce a medicina.

<sup>3</sup> Sobrado – Casa com dois pavimentos e grande.

<sup>4</sup> Júlia Kubitschek – Tinha ascendência tcheca com remotos liames ciganos, sendo o nome germanização do original Kubícek.

<sup>5</sup> HELIODORO, Afonso. *JK, exemplo e desafio*. Brasília: Theasaurus, 2012, p. 52.

<sup>6</sup> Olímpio Mourão Filho – General do Exército Brasileiro que em 1964, como comandante da 4ª Região Militar/Divisão de Infantaria, na cidade de Juiz de Fora-MG, liderou com tropas armadas a revolução de 1964. Chegou ao posto de General de Exército e presidiu o Superior Tribunal Militar (STM).

<sup>7</sup> HELIODORO, Afonso. *JK – de Diamantina ao memorial*. Brasília: IHGDF, 1983, conforme SANTOS, Manoel



---

Hygino. *Nono do Tijuco*: pioneiro em urologia. Belo Horizonte: Santa Casa de Misericórdia, 2018, p. 18.

<sup>8</sup> KUBITSCHKEK, Juscelino. *Meu Caminho para Brasília*. Rio de Janeiro Bloch Editores S.A., 1974, p. 23.

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> HELIODORO, Afonso. *JK, exemplo e desafio*. Brasília: Theasaurus, 2012, p. 57.

<sup>11</sup> Hipócrates - Pai da Medicina, maior médico da Antiguidade (ilha de Cós 460-Tessalia 364 a.C.). Iniciador da observação clínica, deixou um corpo de doutrinas (*Corpus hippocraticum*) dos mais notáveis e de que fazem parte numerosos tratados.

<sup>12</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p. 18.

<sup>13</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 37.

<sup>14</sup> Ibid., p. 46.

<sup>15</sup> Ibid., p. 148.

<sup>16</sup> SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Os presidentes: Juscelino Kubitschek - 19º Presidente do Brasil*. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983, p. 23.

<sup>17</sup> Gripe Espanhola - Epidemia gripal que devastou o mundo em 1918.

<sup>18</sup> Código Morse – Sistema de comunicação que representa letras e números através de código de sinais intermitentes, compostos por pulsos.

<sup>19</sup> Carlos Drummond de Andrade – Mineiro da cidade de Itabira do Mato

dentro, foi poeta, contista, cronista brasileiro do período modernista. Foi membro da segunda geração de modernistas, funcionário público em Minas Gerais e jornalista. Formado em odontologia e farmácia, embora nunca exercesse a profissão. Considerado um dos maiores poetas do século XX.

<sup>20</sup> ARAÚJO, Fernando. *Juscelino Kubitschek, o médico*. Belo Horizonte: RC Editora e Gráfica, 2002, p. 31.

<sup>21</sup> Júlio Haueisen Soares – Contemporâneo de JK no curso de medicina, colocou grau em 1923. Tratou Naná de uma cólica hepática, apaixonaram-se e se casaram em 23 de junho de 1927. Foi diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia e chefe da 3ª enfermagem de cirurgia; cirurgião respeitado se especializou em urologia, além de ser seu cunhado, amigo e confidente. Depois de formado, JK foi trabalhar em sua clínica particular como sócio.

<sup>22</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 83.

<sup>23</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.38.

<sup>24</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 53-54.

<sup>25</sup> Ibid., p. 33.

<sup>26</sup> Sarah Gomes de Lemos – Nascida em 1909 em Belo Horizonte, filha de Jaime Gomes Lemos, representante de Minas no Congresso, e de Luísa Negrão, ambos de famílias conceituadas. Só passou assinar o nome de Sara Luísa Kubitschek, quando JK era o Presidente do Brasil.



---

<sup>27</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 83.

<sup>28</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.81.

<sup>29</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 65.

<sup>30</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.13.

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 87.

<sup>33</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.24.

<sup>34</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 68.

<sup>35</sup> Ibid., p. 69.

<sup>36</sup> Urologia - Especialidade cirúrgica da especialidade de cirúrgica da medicina que trata do trato urinário de homens e de mulheres e do sistema reprodutor das pessoas do sexo masculino.

<sup>37</sup> Paris- Cidade capital da França.

<sup>38</sup> Berlim - Cidade capital da Alemanha.

<sup>39</sup> Maurice Chevassu – Cirurgião francês e professor da Escola de Medicina de Paris. Especializou em cirurgia do aparelho urinário, alcançando notoriedade. Na juventude foi médico militar, serviu na Córsega, Dijon, Paris e Argélia.

<sup>40</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 102.

<sup>41</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 71.

<sup>42</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 103.

<sup>43</sup> Urologista – médico que possui especialização em urologia.

<sup>44</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 72.

<sup>45</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.15.

<sup>46</sup> Força Pública Mineira – Designação da Polícia Militar do Estado de Minas

---

Gerais, nos períodos de 24/10/1891 a 21/07/1893 e de 30/08/1914 a 17/09/1946.

<sup>47</sup> Getúlio Dorneles Vargas – Presidiu o Brasil no período de 1930 a 1945. Foi eleito Presidente do Brasil em 1950 tendo-se suicidado em 1954 no Palácio do Catete na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>48</sup> Gustavo Capanema – Advogado, político e secretário do Interior e Justiça no governo do Presidente do Estado de Minas Gerais Olegário Maciel.

<sup>49</sup> 12º RI - Regimento de Infantaria, atual 12º BI, situado na cidade de Belo Horizonte.

<sup>50</sup> MARCO FILHO, Luiz. *História militar da PMMG*. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa e Pós-graduação-PMMG, 2005, p. 32.

<sup>51</sup> Olegário Dias Maciel - Governador do Estado de Minas Gerais (na primeira República era denominado Presidente do Estado), eleito em 1930 ficou no cargo até 1933, falecendo ainda na vigência do mandato. Foi um dos líderes da revolução de 1930, que levou ao poder do Brasil, Getúlio Vargas.

<sup>52</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 148.

<sup>53</sup> HM – Hospital Militar.

<sup>54</sup> Decreto-Lei – Ato decretado com poder de lei que, assinado pelo Presidente da República é expedido pelo



---

poder executivo, quando acumula as funções do Poder Legislativo.

<sup>55</sup> Corpo Escola – Localizado no Bairro do Prado Mineiro. Hoje é a Escola de Formação de Soldados (EFSd), no complexo da Academia de Polícia Militar.

<sup>56</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 149.

<sup>57</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.59.

<sup>58</sup> Contraforte – Pilares, suporte, anteparos, apoios, defesas, proteções.

<sup>59</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 90.

<sup>60</sup> Irmã Maria – Enfermeira idosa de nacionalidade francesa. Serviu ao Exército Francês durante a 1ª Guerra Mundial. Culta, modesta, mansa e bondosa, transbordava ternura cristã e inesgotável carinho para com os feridos.

<sup>61</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 91.

<sup>62</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 172.

<sup>63</sup> Síncope – Perda dos sentidos, da consciência, causada pela irrigação insuficiente de sangue no cérebro.

<sup>64</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 173.

<sup>65</sup> Cel EB Cristóvão Barcelos – Comandante das tropas no setor sul, região do túnel, Passa Quatro, sul do Estado de Minas Gerais na divisa com o Estado de São Paulo, durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Depois de conflito, foi promovido ao posto de general. De sólida cultura, excepcionais qualidades de caráter, comunica-

---

tivo, justo, prudente, exercia suas funções com zelo.

<sup>66</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 175.

<sup>67</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 100.

<sup>68</sup> Craniotomia – Procedimento operatório da caixa craniana, quando se faz um furo na cabeça para colocar um clip na artéria.

<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> Capitão médico do EB Bayard Lucas de Lima – Trabalhou no Hospital de Sangue junto com JK. Substituiu o major médico da Força Pública Pinto de Moura. Chegou ao posto de general médico do EB e trabalhou com JK quando foi Presidente da República.

<sup>71</sup> Padre Alfredo Christovam Kobal – De nacionalidade austríaca tinha sido capitão do Exército Austro-Húngaro, serviu na guarda do Imperador Francisco José, durante a 1ª Guerra Mundial. Ferido em combate no braço direito, foi acometido de uma gangrena. Razão pela qual prometeu que se fosse curado, se dedicaria ao sacerdócio. No final da guerra fugiu para Itália e para o Brasil se fixando na cidade de Virgínia, exercendo o celibato. Figura humana extraordinária, alto, rosto vermelho, fisionomia atlética, pronunciava o português com acento germânico.

<sup>72</sup> KUBITSCHKEK, op.cit., p. 183.

<sup>73</sup> Ibid., p. 176.



<sup>74</sup> SANTOS, Edmundo Lery. *Movimento de 9 de julho de 1932*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1933, p. 49.

<sup>75</sup> Polícia Militar – Nome adotado para denominar a Força Militar Estadual, conforme descrito na Constituição Federal de 1946.

<sup>76</sup> DI – Departamento de Instrução. Fundado em 1934, hoje Academia de Polícia Militar. Escola militar responsável pela formação, instrução e especialização do efetivo.

<sup>77</sup> Relato do Cel PMMG Veterano Barroso.

<sup>78</sup> SANTOS, 1933, op.cit., p. 167-168.

<sup>79</sup> Benedito Valadares – Delegado especial de polícia designado para o *front* em Passa Quatro, para a manutenção da ordem pública, objetivando coibir saques e outras violações. Conchudo do capitão Ernesto Dornelles Vargas do estado-maior do Coronel Cristóvão Barcelos. Advogado, vereador e prefeito da sua terra natal, Pará de Minas, e depois sucessor de Olegário Dias Maciel no governo de Minas Gerais, como interventor, de 1933 a 1945. Foi também deputado federal e senador da República.

<sup>80</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 104.

<sup>81</sup> SILVA; CARNEIRO, op.cit., p. 25.

<sup>82</sup> KUBITSCHKE, op.cit., p. 204-205.

<sup>83</sup> SILVA; CARNEIRO, op.cit., p. 27.

<sup>84</sup> Estado Novo - Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, foi uma ditadura brasileira instaurada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 29 de outubro de 1945. Foi caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo.

<sup>85</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 114.

<sup>86</sup> SILVA; CARNEIRO, op.cit., p. 29.

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Ibid., p. 32.

<sup>89</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 122.

<sup>90</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.56.

<sup>91</sup> HELIODORO, op.cit., p. 143.

<sup>92</sup> SILVA; CARNEIRO, op.cit., p. 43.

<sup>93</sup> HELIODORO, op.cit., p. 146.

<sup>94</sup> SILVA; CARNEIRO, op.cit., p. 65.

<sup>95</sup> Ibid., p. 65.

<sup>96</sup> HELIODORO, op.cit., p. 146.

<sup>97</sup> Ibid., p. 143-144.

<sup>98</sup> Carlos Frederico Werneck de Lacerda – Jornalista, escritor, empresário, polemista, advogado e político da União Democrática Nacional (UDN). Antes de se filiar a UDN, na década de 1940, partido conservador e de influência liberal, pertenceu à Aliança Libertadora Nacional na década de 1930.

<sup>99</sup> HELIODORO, op.cit., p. 144.

<sup>100</sup> Ibid., p. 145.



---

<sup>101</sup> Ibid., p. 146.

<sup>102</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.83.

<sup>103</sup> HELIODORO, op.cit., p. 233.

<sup>104</sup> Henrique Batista Duffles Teixeira Lott – Marechal do Exército Brasileiro, ministro da Guerra no governo de JK. Garantiu a ordem constitucional e o direito de JK assumir a presidência. Foi também político e concorreu às eleições presidenciais de 1960, perdendo-as para Jânio Quadros.

<sup>105</sup> HELIODORO, op.cit., p. 201-202.

<sup>106</sup> Ibid., p. 202-203.

<sup>107</sup> ARAÚJO, op.cit., p. 339.

<sup>108</sup> SANTOS, 2018, op.cit., p.91.

<sup>109</sup> Cf. JARDIM, Serafim. *Juscelino Kubitschek: onde está a verdade?* Petrópolis: Vozes, 1999.